XVIII Congresso Internacional de Geografia

De acôrdo com a decisão tomada em 1952 pela Assembléia Geral da União Geográfica Internacional, por ocasião de sua última reunião na cidade de Wasington, E.U.A., a IX Assembléia Geral e o XVIII Congresso Internacional de Geografia realizar-se-ão, de 9 a 18 de agôsto de 1956, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil.

A Comissão Nacional do Brasil, a quem cabe, por delegação da U.G.I., organizar o Congresso, convida os geógrafos de todo o mundo a participarem dêste certame, que, pela primeira vez se reúne no hemisfério sul e em terras pela maior parte tropicais. Aqui, em um país extenso, de paisagens naturais ricas em contrastes, poderão tomar contacto com tradições de ocupação do solo que ascendem a quatro séculos e meio de colonização, mas que ainda deixam entrever, aqui e ali, a base aborígine a que foram superpostas; com núcleos de imigrantes da mais diversa proveniência; com velhas cidades adormecidas e com novas metrópoles de vida trepidante.

IX ASSEMBLÉIA GERAL DA UNIÃO GEOGRÁFICA INTERNACIONAL

O programa da Assembléia Geral, que é o órgão máximo da União Geográfica Internacional, será estabelecido pela Comissão Executiva da U.G.I., que o divulgará com a devida antecedência.

Os participantes inscritos no XVIII Congresso Internacional de Geografia poderão tomar parte na Assembléia, tendo direito a voto em matéria de natureza científica. Quanto a assuntos de caráter administrativo, cada país que adere à U.G.I. terá um voto, na forma dos Estatutos desta entidade.

XVIII CONGRESSO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA

A responsabilidade direta pela realização do Congresso cabe à Comissão Organizadora, para tal estabelecida pela Comissão Nacional do Brasil.

Salientam-se do programa organizado para o XVIII Congresso Internacional de Geografia as seguintes atividades: (1) reuniões destinadas a apresentação de comunicações científicas, classificadas em treze Secções apropriadas; (2) reuniões das onze Comissões que a U.G.I. mantém com o objetivo de fomentar o estudo de problemas específicos durante o intervalo entre os Congressos; (3) reuniões plenárias para discussão de tópicos especiais, de interêsse geral; e (4) excursões a várias regiões do país, visando a dar aos participantes estrangeiros um conhecimento direto da natureza e das obras humanas no Brasil.

Os planos anunciados na presente circular foram aprovados em sua forma preliminar pela Comissão Executiva da U.G.I., durante a reunião realizada em Londres, em maio de 1954.

TEMÁRIO

Atendendo a numerosas sugestões recebidas pela Comissão Organizadora, a Subcomissão de Programação e Temário elaborou uma relação de temas visando a concentrar a atenção dos congressistas sôbre um certo número de assuntos considerados preferenciais. Os temas foram distribuídos em treze Secções, a saber:

Secção I — Cartografia e Fotogeografia

1 — Problemas da representação simultânea da estrutura e da morfologia e padronização das convensões.

2 — Normas para a representação cartográfica dos fatos da ocupação humana.

3 — Problemas da representação cartográfica de fenômenos demográficos.

4 — Métodos de reconstituição da vegetação original.

5 — Mapas regionais: representação simultânea de fatos característicos referentes à geografia física e humana.

6 — Utilização de fotografias aéreas na cartografia e no estudo geográfico do relêvo e da vegetação.

7 — Emprêgo das fotografias aéreas no estudo do *habitat* urbano e rural, bem como no levantamento dos tipos de utilização da terra.

8 — Emprêgo das fotografias aéreas na determinação dos recursos naturais dos países subdesenvolvidos.

9 — Métodos a serem empregados na cartografia das regiões de florestas tropicais.

Secção II — Geomorfologia

1 — Morfologia comparada dos escudos cristalinos.
2 — Morfologia das regiões basálticas.
3 — Formas de tipo cárstico em terrenos não calcários.
4 — Morfologia climática das regiões tropicais úmidas e semi-áridas; o papel da erosão em lençol.
5 — Relações entre a evolução morfológica e o ciclo pedogenético. Os solos fósseis como índice de evolução climática.
6 — As concreções lateríticas e outras concreções ferruginosas. Suas relações com o clima e a morfologia.
7 — Estudos morfoscópicos dos sedimentos e suas relações com os processos de erosão.
8 — Morfologia litorânea e suas relações com o eustatismo.
9 — Dinâmica litorânea e depósitos antropógenos.
10 — Novas contribuições sôbre a teoria da translação dos continentes.

Secção III — Climatologia

1 — Classificação de climas: dificuldades e críticas.
2 — Climatologia das regiões tropicais e subtropicais.
3 — Sucessão de tipos de tempo nas regiões tropicais e subtropicais.
4 — Anomalias climáticas das regiões tropicais e subtropicais.
5 — Índices de aridez: critérios e aplicações.
6 — Delimitação dos climas áridos e semi-áridos e suas flutuações.
7 — Critérios geográficos para o estabelecimento de uma rêde de postos meteorológicos.
8 — Variações do clima e possíveis influências do desflorestamento.

Secção IV — Hidrografia

1 — Regimes fluviais típicos das regiões tropicais úmidas e semi-áridas. Suas relações com a navegabilidade.
2 — Variação do regime fluvial em função do tipo de utilização da terra.
3 — A ocorrência de enchentes extraordinárias e sua explicação: interferência de fatôres físicos e humanos.
4 — Relações entre o regime fluvial e os perfis transversal e longitudinal dos rios.
5 — Variação cíclica do nível hidrostático nas planícies aluviais.
6 — Variação do nível hodrostático em conseqüência da atividade humana.

Secção V — Biogeografia

1 — Escalonamento de formas de vegetação nas montanhas das regiões tropicais.
2 — Formas de vegetação das ilhas oceânicas.
3 — Correspondência entre os tipos de vegetação dos vários continentes nas regiões tropicais.
4 — O problema da origem dos campos nas regiões tropicais e subtropicais.
5 — A análise polínica, método de estudo da distribuição das formações vegetais do passado.
6 — Relações solo-vegetação nas regiões tropicais.
7 — Balanço d'água e forma biológica das espécies vegetais das regiões áridas e semi-áridas.
8 — A vegetação das regiões áridas e semi-áridas e o seu aproveitamento econômico.
9 — O problema da restauração da vegetação natural nas áreas agrìcolamente esgotadas.
10 — Origens e dispersão das plantas cultivadas; conseqüências da extensão de culturas além dos seus limites ecológicos.

Secção VI — Geografia Humana — Temas Diversos

1 — O fator religioso na paisagem geográfica.
2 — Problemas da alimentação nos países tropicais.
3 — Modificação de hábitos alimentares nos países novos em conseqüência das imigrações recentes.
4 — A habitação rural típica de diversas áreas geográficas: suas relações com o meio físico, a herança cultural, os gêneros de vida e a estrutura social.

5 — O problema da água nas regiões áridas e semi-áridas e sua influência nos hábitos da população rural.

6 — Gêneros de vida nas regiões tropicais úmidas e semi-áridas.

Secção VII — Geografia da População e do Povoamento

1 — Colonização européia nas regiões tropicais e subtropicais. Colonização espontânea e dirigida.

2 — As migrações intercontinentais e os problemas da aclimação e adaptação dos imigrantes.

3 — O desbravamento e a ocupação do solo nos trópicos. Frentes pioneiras.

4 — Técnicas de ocupação do solo e capacidade de povoamento.

5 — As migrações internas e suas causas. Êxodo rural e concentração urbana; suas relações com o desenvolvimento econômico de um país.

6 — Conceituação de urbano, suburbano e rural.

7 — Geografia urbana comparada.

8 — As grandes aglomerações urbanas contemporâneas das regiões tropicais.

9 — A descentralização das indústrias como fator de restrição ao crescimento das cidades.

10 — Conurbações e áreas de influência das grandes cidades.

11 — *Habitat* rural nas regiões tropicais úmidas e semi-áridas.

Secção VIII — Geografia Médica

1 — Importância geográfica das doenças tropicais.

2 — Problemas geográficos do câncer.

3 — Distribuição geográfica do tracoma e suas causas.

4 — Distribuição geográfica e aspectos ecológicos da distrofia pluricarencial hidropigênica (Kwashiorkor).

5 — Distribuição geográfica e aspectos ecológicos da esquistossomose.

6 — A doença de Chagas e sua ecologia.

7 — Inventário das correlações climatopatológicas na América.

8 — As técnicas modernas de saneamento e seus reflexos geográficos.

9 — Métodos e objetivos da geografia médica.

Secção IX — Geografia Agrária

1 — Tipos de uso da terra e sistemas agrícolas nas regiões tropicais e subtropicais; relação com o nível de vida e o *habitat* rural; sugestões para sua classificação.

2 — Tipos e formas da vida pastoral nas regiões tropicais e subtropicais.

3 — A estrutura agrária, o espírito de emprêsa, a acumulação de capital e o desenvolvimento das técnicas agrícolas nos países novos.

4 — Conseqüências geográficas de reformas agrárias ou da subdivisão espontânea de grandes propriedades rurais.

5 — Comparação da pequena propriedade que resulta de uma divisão primária de terras virgens com a pequena propriedade resultante da fragmentação fundiária.

6 — Estudo comparativo da utilização do solo pela agricultura em diversas épocas, de acôrdo com os recenseamentos cadastrais ou outros documentos análogos.

7 — O uso da terra e a economia da água nas regiões semi-áridas.

8 — Diferença entre paisagens culturais de áreas especializadas em um mesmo produto.

9 — Solos das regiões tropicais e subtropicais: sua classificação e representação cartográfica. O problema dos solos lateríticos.

10 — Efeitos da ação humana sôbre os solos tropicais. A recuperação dos solos e o rejuvenescimento de uma região agrícola.

Secção X — Geografia da Indústria, do Comércio e dos Transportes

1 — Condições geográficas da produção de energia.

2 — Os problemas demográficos da industrialização nas regiões tropicais.

3 — Problemas da geografia das indústrias nas regiões tropicais. Localização racional de centros industriais.

4 — Conseqüências geográficas da aplicação dos planos de desenvolvimento econômico nas colônias européias.

5 — Industrialização e desenvolvimento agrícola: suas relações recíprocas.

6 — A concorrência e a coordenação dos diferentes meios de transporte nas regiões tropicais.
7 — O desenvolvimento dos portos e suas relações com a rêde de transportes.
8 — Utilização industrial permanente das áreas florestais.
9 — Comércio internacional após a segunda grande guerra.
10 — A geografia dos capitais e dos investimentos.

Secção XI — Geografia Histórica e Política

1 — Estudos de gêneros de vida baseados em fontes pré-históricas.
2 — Utilização, para estudos geográficos das regiões tropicais, das descrições de viagens dos séculos XV a XIX.
3 — Mudança de uma capital — problemas da escolha de novo sítio e repercussões geográficas.
4 — Problemas geográficos da redivisão territorial de um país.
5 — Formação das unidades político-administrativas de um país.
6 — Relações entre o geopolítica e a geografia política.

Secção XII — Metodologia, Ensino da Geografia e Bibliografia

1 — Rumos modernos da pesquisa geográfica.
2 — Tendências atuais do ensino da geografia.
3 — Estudo crítico do conteúdo e da programação do ensino da geografia em nível secundário e superior.
4 — O filme documentário e o ensino da geografia.
5 — A formação do pesquisador e do professor de geografia.
6 — A utilização da geografia para fins de planejamento e administração.
7 — Sugestões para uma classificação bibliográfica de interêsse geográfico.

Secção XIII — Geografia Regional

1 — Geografia regional comparada das regiões tropicais úmidas.
2 — Geografia regional comparada das regiões subtropicais úmidas.
3 — Geografia regional comparada das regiões semi-áridas.

REUNIÕES DAS COMISSÕES DA U. G. I.

As reuniões das Comissões mantidas pela U.G.I. são destinadas à apresentação de relatórios e trabalhos a cargo das mesmas, bem como à formulação de novos programas, quando necessário. De acôrdo com decisão tomada pela Comissão Executiva da U.G.I. em sua última sessão, tais reuniões deverão ser integradas com os trabalhos de Secções apropriadas do Congresso. Os presidentes das Comissões foram convidados a apresentar o plano de atividades dos respectivos grupos de trabalho para inclusão no programa do XVIII Congresso Internacional de Geografia, cabendo à Subcomissão de Programação e Temário o entrosamento das tarefas das Comissões com as das Secções.

Os interessados em participar dos trabalhos de qualquer uma das Comissões da U.G.I., além de indicarem o seu propósito na ficha de adesão, devem entender-se *diretamente* com o respectivo presidente.

As Comissões, atualmente patrocinadas pela U.G.I., para o estudo de problemas especiais são as seguintes:

Geografia Médica

Presidente:

JACQUES M. MAY
American Geographical Society
Broadway at 156 th Street
New York 32, U.S.A.

Morfologia Periglacial

Presidente:

ANDRÉ CAILLEUX
9, Avenue de la Trémouille
St. Maur (Seine), França

Inventário Mundial de Uso da Terra

Presidente:

SAMUEL VAN VALKENBURG
Graduate School of Geography
Clark University, Worcester 10,
Mas., E.U.A.

Bibliografia de Mapas Antigos

Presidente:

ROBERTO ALMAGIÀ
Istituto di Geografia,
Università degli Studi di Roma
Roma, Itália

Zona Árida

Presidente:

PEVERIL MEIGS
Farrar Road, South Lincoln,
Mass., E.U.A.

Fenômenos Cársticos

Presidente:

HERBERT LEHMANN

Geographisches Institut
Schumannstrasse 58
Frankfurt am Main, Alemanha

Estudo e Correlação dos Níveis de Erosão e Superfícies de Aplainamento ao Redor do Atlântico

Presidente:

FRANCIS RUELLAN
Praia do Flamengo, 186, apt. 301
Rio de Janeiro, Brasil

Classificação Bibliográfica de Livros Geográficos e Mapas

Presidente:

ANDRÉ LIBAULT
Association de Géographes Français
121, Boulevard St. Michel
Paris 5, França.

Evolução das Vertentes

Co-Presidentes:

PIÈRRE BIROT
10, Avenue Schneider
Clamart (Seine), França

PAUL F. J. MACAR

Université de Liège
Liège, Bélgica

Sedimentação Litorânea

Presidente:

AXEL SCHOU
Strandboulevard 1 121
Copenhagen, Dinamarca

Didática da Geografia

Presidente:

NEVILLE V. SCARFE
Faculty of Education
The University of Manitoba
Winnipeg, Canadá.

SIMPÓSIOS

Os tópicos especiais escolhidos para discussão em duas sessões plenárias são:

1 — "Contribuição da geografia ao planejamento regional de áreas tropicais".
2 — "O problema dos campos nas regiões tropicais".

Aquêles que desejarem apresentar contribuição a êstes simpósios devem notificar, o mais brevemente possível, a Secretaria Executiva da Comissão Organizadora.

INSTRUÇÕES PARA A APRESENTAÇÃO DE COMUNICAÇÕES

É condição indispensável para apresentar comunicação ser membro do Congresso. Além dos temas preferenciais indicados pela Comissão Organizadora, poderão os autores estudar outros assuntos, desde que os mesmos se enquadrem em uma das treze Secções do Congresso. Tôdas as comunicações, entretanto, devem ser inéditas e resultar de trabalhos originais de pesquisa ou de interpretação.

A seleção das comunicações para apresentação oral e a distribuição definitiva das mesmas entre as Secções é atribuição da Subcomissão de Programação e Temário. Para auxiliar esta Subcomissão nos casos duvidosos, será nomeado um júri integrado por geógrafos nacionais e estrangeiros, que também opinará sôbre a conveniência da publicação do trabalho em causa.

A apresentação oral das comunicações deverá ser feita em uma das línguas oficiais do Congresso, ou sejam, alemão, espanhol, francês, inglês, italiano e português.

O texto das comunicações em duplicata, deverá ser remetido à Secretaria Executiva *até o dia 1.º de julho de 1956*. Deve ser dactilografado de um lado só do papel, em espaço duplo, não podendo ultrapassar 3 000 palavras. As ilustrações deverão ser apresentadas em condições de serem encaminhadas à oficina gráfica, sendo impossível a publi-

cação em côres. Mapas murais, diapositivos e filmes que sejam necessários à apresentação das comunicações orais, não devem ser enviados com antecedência.

Os autores deverão enviar à Secretaria Executiva da Comissão Organizadora *até o dia 1.º de janeiro de 1956*, um resumo de suas comunicações. Redigido *em francês ou inglês*, êste sumário não deverá ultrapasar o limite de 400 palavras. Os resumos serão publicados em volume a ser distribuído antes da abertura do Congresso. *Não serão incluídas no programa as comunicações cujos resumos não tiverem chegado à Secretaria Executiva dentro do prazo estipulado.*

Na primeira página da comunicação e do resumo devem figurar o nome por extenso e o enderêço completo do autor ou dos autores. Deve ser mencionada, também, a universidade ou outra instituição a que pertença o autor ou os autores. Quando os autores forem em número de dois ou mais, é mister indicar o nome daquele que tenciona fazer a apresentação oral. Igualmente devem figurar na primeira página do resumo, as dimensões dos diapositivos ou diafilmes que o autor pretenda utilizar na apresentação de sua comunicação, a fim de que possa ser providenciado aparelhamento de projeção adequado.

A Comissão Organizadora tenciona publicar nos *Anais* do Congresso o maior número possível de comunicações. Convém esclarecer, entretanto, que nem a remessa da comunicação, nem mesmo sua apresentação oral em uma das Secções do Congresso implica em compromisso de publicação.

EXCURSÕES

A Subcomissão responsável pelo planejamento, a organização e a realização das excursões do Congresso e o preparo dos respectivos *Guias*, promoverá uma série de excursões científicas, devendo realizar-se, algumas no período imediatamente anterior ao Congresso e outras após o encerramento do mesmo. Foram tôdas planejadas com o objetivo de dar uma visão geral das grandes regiões atravessadas e de fornecer oportunidade para melhor conhecimento da geografia física e humana de áreas escolhidas.

Estando a realização de cada excursão condicionada à inscrição de um número mínimo de participantes, é indispensável que o formulário de adesão, devidamente preenchido, seja devolvido à Secretaria Executiva, *antes de 1.º de julho de 1955*. Por outro lado, vendo-se a Comissão Organizadora obrigada a estabelecer um limite rigoroso para o número de participantes de cada excursão, é de prever que nem todos os congressistas possam participar da excursão de seu maior interêsse. Visando, porém, a atender na medida do possível, à escolha dos congressistas, solicita-se indicar no formulário a ordem de preferência para três excursões. Havendo a intenção de realizar uma excursão no período anterior ao Congresso e outra no que se segue ao certame, deve-se indicar *separadamente* a ordem de preferência para cada um dêsses períodos. Em virtude da limitação de vagas, terão prioridade os geógrafos estrangeiros, membros do Congresso, sôbre os não-geógrafos acampanhantes, inscritos como membros associados. A participação de não-geógrafos será possível, quando não fôr atingido o número limite previsto para cada excursão. Em igualdade de condições, a ordem de entrada da ficha de adesão na Secretaria Executiva constituirá critério para a seleção dos pedidos. Nas pequenas excursões e nos passeios de caráter turístico realizados durante o Congresso, será livre a participação de quantos aderirem ao certame.

A fim de realçar o caráter de trabalho científico que devem ter as grandes excursões do Congresso, polarizando esforços, somando experiência e acentuando o valor da convivência e da colaboração internacionais, surgiu no seio da Comissão Organizadora a idéia de fixar, de modo mais permanente, os resultados das excursões. Êste objetivo será atingido com a publicação, após o Congresso, quer dos resumos de seminários efetuados durante as excursões, quer de observações originais que, no decorrer destas, vierem a ser colhidas. Como esta idéia, talvez, constitua uma inovação na tradição dos Congressos Internacionais, solicita-se a manifestação da opinião dos colegas a propósito de sua conveniência e forma de execução.

Os organizadores das excursões esforçar-se-ão, sempre, para proporcionar aos participantes um alojamento confortável. No entanto, em algumas localidades não existem hotéis modernos e os excursionistas deverão contentar-se com um confôrto sumário. É possível mesmo que em alguns poucos casos o pernoite se faça em acampamentos adrede preparados.

Indicam-se, a seguir, em suas linhas gerais e de modo ainda preliminar, as excursões projetadas. Os itinerários estão, naturalmente, sujeitos a alterações ditadas pelas condições existentes no momento de sua realização.

Excursão 1 — Planalto Centro-Ocidental e Pantanal Matogrossense

Duração provável: 18 dias (antes do Congresso)

Nesta excursão, feita em sua maior parte por via aérea e estradas de rodagem, serão percorridos alguns dos trechos mais interiores do Planalto Brasileiro, bem como a grande área plana e baixa, denominada Pantanal Matogrossense.

Poderá ser conhecida, em suas linhas gerais, a estrutura da região Centro-Oeste, constituída do grande embasamento de rochas antigas, fortemente dobradas e metamorfizadas, recobertas, após seu aplainamento, por uma sucessão de sedimentos concordantes, pouco perturbados, mas às vêzes atravessados por diques ou *sills*, que se relacionam com os grandes derrames de magma básico, de idade triássica. O estudo de tal estrutura — facilitado pelos percursos terrestres, que oferecerão ao exame dos participantes contactos do capeamento sedimentar com as antigas superfícies de erosão — é essencial à compreensão do relêvo de chapadas, chapadões e *cuestas* de grande desenvolvimento, que domina a região.

Serão observadas áreas anteriormente cobertas por florestas tropicais, derrubadas pela ocupação agrícola, que assenta, com predominância no café, no algodão e no arroz, bem como a transição de tais áreas para as de ocorrência dos "campos limpos" ou "campos cerrados". A origem dêstes campos cerrados e sua evolução ainda constituem uma questão aberta, que, da mesma forma que a vegetação característica do Pantanal, poderá dar margem a esclarecedoras contribuições dos participantes.

Notar-se-á a passagem dos climas tropicais da parte norte para os subtropicais do extremo sul da zona a ser visitada, pela mudança dos tipos de vegetação, com as conseqüentes diferenças no aproveitamento econômico dos recursos vegetais.

Tipos recentes de ocupação rural e de aglomerações urbanas prestam-se ao confronto com os resultados de uma colonização mais antiga, iniciada nos começos do século XVIII. Igualmente, serão ressaltadas as diferenças de padronagem entre a ocupação de base agrícola e a de base pastoril, que aí aparecem lado a lado.

A influência dos grandes mercados regionais poderá ser verificada, assim como estudadas suas posições relativamente aos centros urbanos.

Partindo do Rio de Janeiro, o grupo de excursionistas rumará para Goiânia, cidade criada no sul do planalto de Goiás segundo um plano pôsto em execução na quarta década dêste século. A caminho, será sobrevoada a área compreendida entre os rios Parnaíba e Grande, conhecida como Triângulo Mineiro, que, do ponto de vista agro-pastoril, é uma das mais expressivas do estado de Minas Gerais. Será possível observar seu relêvo de chapadas, bem como a cobertura vegetal de cerrados, que se intercalam de matas-galerias em utilização.

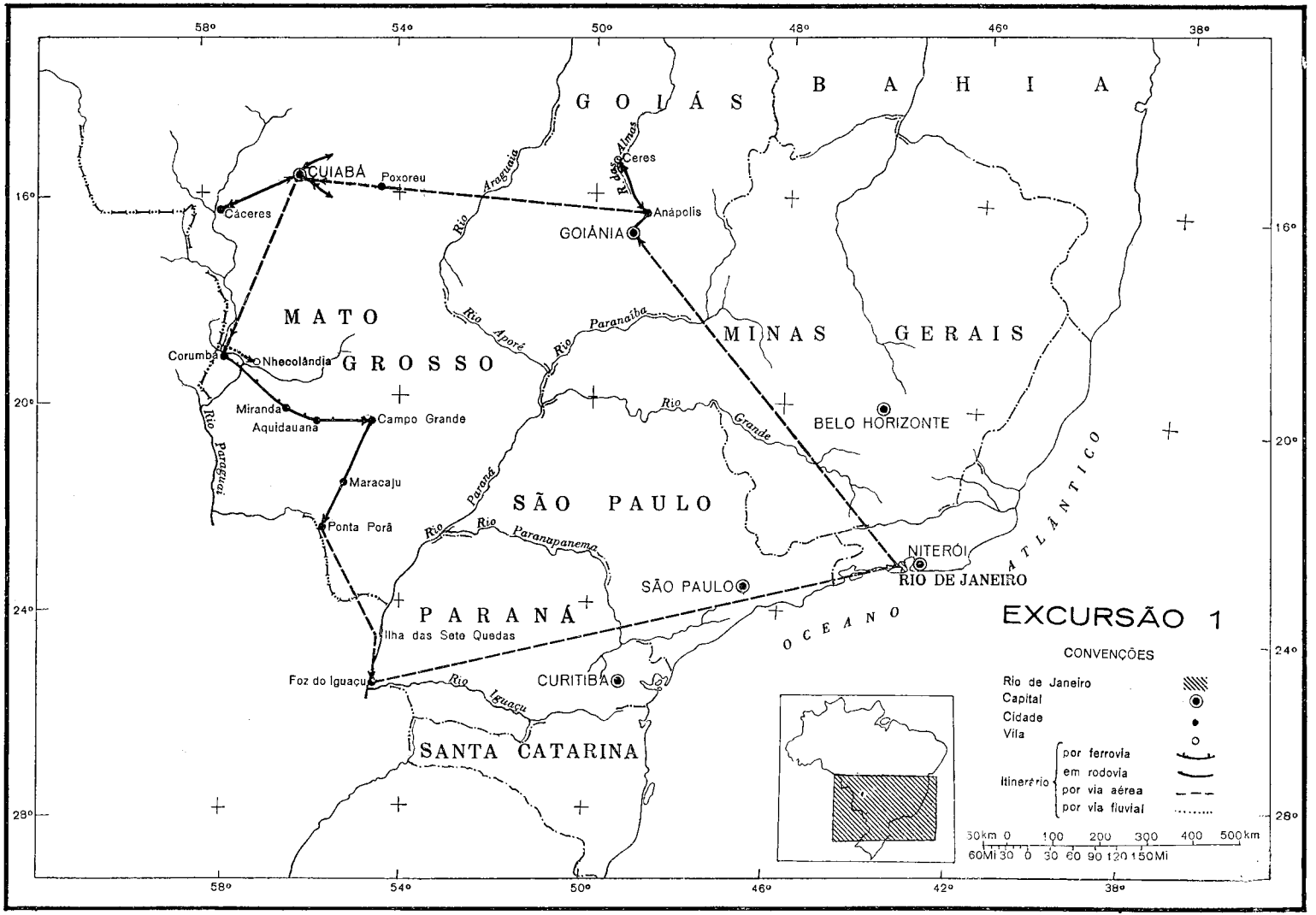
Partindo de Goiânia, os congressistas se transportarão para Anápolis, ponta de trilhos da profunda penetração para o norte do estado e o mais importante centro comercial da região. Visitarão em seguida um trecho do vale do rio das Almas, ainda mais ao norte, onde surgiu recentemente, uma zona agrícola com base na colonização oficial.

A caravana avançará depois para oeste, sobrevoando o planalto do sudoeste de Goiás e leste de Mato Grosso, divisor geral das bacias do Araguaia-Tocantins, Amazonas e Prata. É um chapadão de quase mil metros de altitude, franco domínio dos campos cerrados. A criação extensiva de bovinos e a mineração de diamantes são suas atividades principais, embora já se faça sentir ao longo dos vales florestais, a penetração agrícola pioneira.

Descer-se-á em Poxoreu, centro de garimpo de diamantes, para que os participantes tenham uma rápida visão do que representam os gêneros de vida apoiados nessa atividade.

Daí se prosseguirá para Cuiabá, atravessando outra parte do chapadão matogrossense. Sobrevoar-se-á a superfície de erosão de Cuiabá, onde há a passagem dos sedimentos do planalto para a estrutura dobrada e nivelada de rochas antigas, cortada pela intrusão de rochas eruptivas post-algonquianas, que deixou manifestações hidro-termais.

Os participantes visitarão Cuiabá, cidade originada no século XVIII, em função do ciclo da mineração do ouro. Fazendo pião em Cuiabá, serão realizadas excursões a algumas zonas próximas, notadamente à Chapada dos Guimarães. Êste trajeto proporcionará um corte esquemático da estrutura, em que se notará ter sido a superfície daquela cidade modelada, não só pelo desbastamento da cobertura sedimentar, como também às expen-


EXCURSÃO 1
CONVENÇÕES
Rio de Janeiro
Capital
Cidade
Vila
Itinerário
por ferrovia
em rodovia
por via aérea
por via fluvial
50km 0 100 200 300 400 500km
60Mi 30 0 30 60 90 120 150Mi
GOIÁS
BAHIA
MATO GROSSO
MINAS GERAIS
SÃO PAULO
PARANÁ
SANTA CATARINA
OCEANO ATLÂNTICO
CUIABÁ
Poxoreu
Cáceres
Ceres
Anápolis
GOIÂNIA
Corumbá
Nhecolândia
Miranda
Aquidauana
Campo Grande
Maracaju
Ponta Porã
BELO HORIZONTE
NITERÓI
RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO
CURITIBA
Ilha das Sete Quedas
Foz do Iguaçu
Rio Araguaia
Rio Aporé
Rio Paranaíba
Rio Grande
Rio Paraná
Rio Paranapanema
Rio Iguaçu
Rio Paraguai
Rio Almas
58º
54º
50º
48º
46º
42º
38º
16º
20º
24º
28º

sas do peneplaino pré-devoniano, cujos testemunhos exumados serão examinados.

No percurso de Cuiabá a Corumbá, serão sobrevoadas porções do Pantanal e dos relevos rejuvenescidos que lhe são vizinhos, quer do tipo apalachiano nas imediações de Cuiabá, quer do tipo Jura, nas proximidades de Cáceres, cidade que fica na rota. Em Corumbá — uma das principais cidades de Mato Grosso, situada à margem do rio Paraguai, entroncamento da navegação fluvial com a recente ferrovia que liga o Brasil à Bolívia — será inspecionada a usina siderúrgica que aproveita as jazidas de ferro do Urucum. Uma visita ao Pantanal dará ensejo a que se observe o pastoreio extensivo aí praticado em grande número de fazendas.

De Corumbá, os congressistas se transportarão, por ferrovia, para Campo Grande, a maior das cidades de Mato Grosso. Estão previstas paradas, ao longo do percurso, a fim de que se examinem as relações entre o planalto e a região do Pantanal.

De Campo Grande, após a visita a fazendas de gado típicas das vizinhanças, o itinerário conduz a Maracaju e Ponta Porã, sôbre o planalto. Poderão ser observados, durante o percurso, os campos limpos do sul do estado de Mato Grosso, e visitados empreendimentos agro-pecuários. As zonas de extração da erva-mate, que já refletem a transição climática para a região meridional do Brasil, também serão percorridas.

Partindo de Ponta Porã, far-se-á observação aérea de grande trecho do rio Paraná e dos saltos das Sete Quedas, que se formaram pela resistência oposta à erosão fluvial pelos derrames de *trapp*.

De gênese semelhante, são os saltos do Iguaçu, onde terminará a excursão. Por via aérea, se retornará ao Rio de Janeiro, sobrevoando, entre outras áreas, o norte do estado do Paraná, região em que as últimas décadas testemunharam grande expansão do cultivo do café.

Excursão 2 — Zona Metalúrgica de Minas Gerais e Vale do Rio Doce

Duração provável: 16 dias (antes do Congresso)

O itinerário desta excursão, que abrange exclusivamente a região Leste do Brasil, interessará a todos os ramos da geografia, pela variedade de paisagens e de problemas que oferece à observação.

Região predominantemente montanhosa, ensejará o estudo de diferentes tipos de relêvo — desde os maciços antigos (como os da zona de Barbacena) ao jovem relêvo de blocos falhados (como os da serra do Mar e da Mantiqueira); ou ainda o modelado de erosão do tipo apalachiano (como os das serras da zona de mineração do ferro, no estado de Minas Gerais).

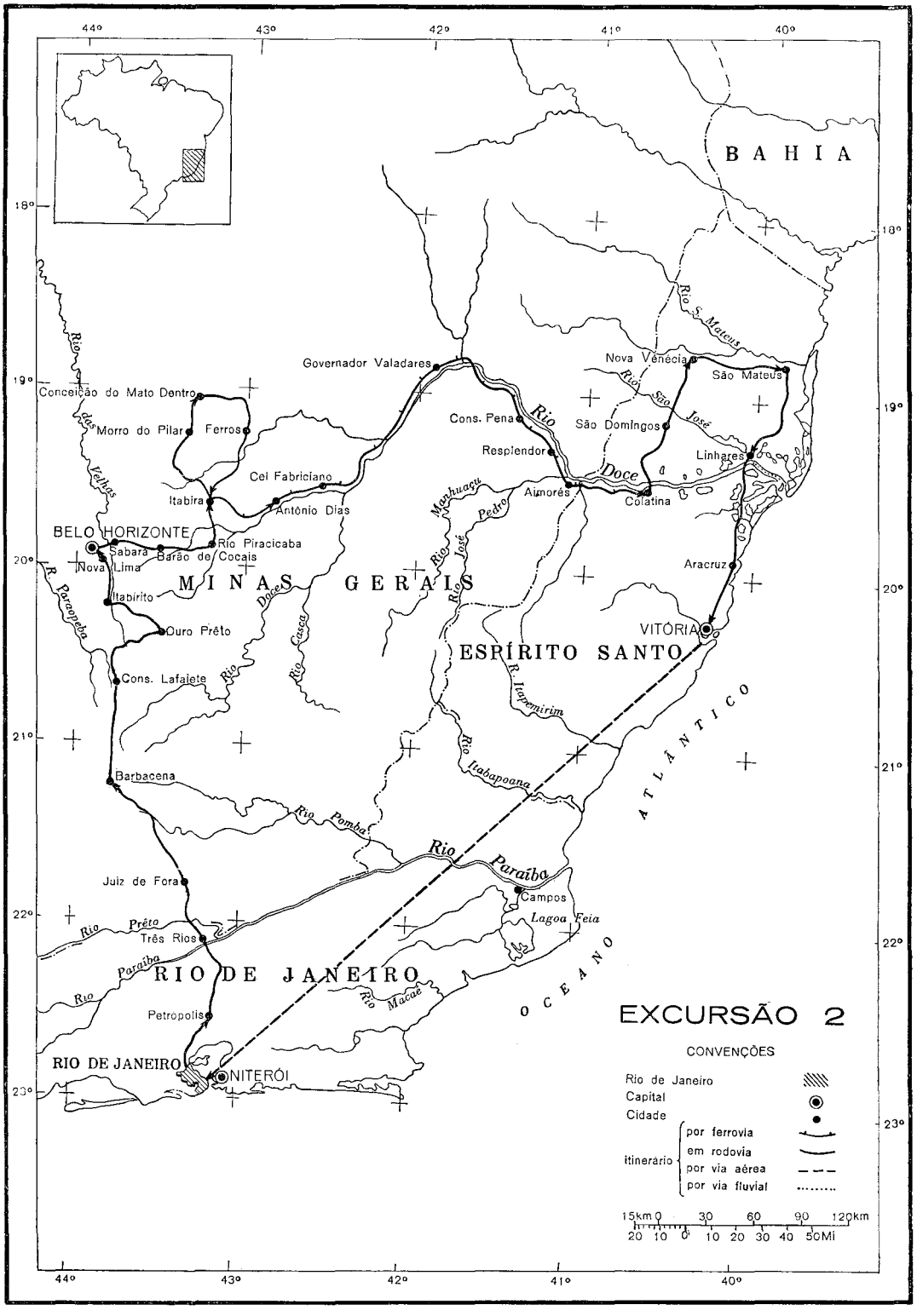
Através da distribuição dos tipos de vegetação, serão percebidas as influências modificadoras dêsse relêvo sôbre o clima, de tipo tropical.

Região de povoamento antigo, proporcionará visitas a cidades seculares, algumas até mesmo tombadas pelo Serviço do Patrimônio Histórico Nacional; mostrará, contudo, núcleos de povoamento moderno ou que sofreram a influência dos diferentes ciclos, através dos quais se fêz o desenvolvimento econômico e que plasmaram os tipos de ocupação da terra.

A excursão abrangerá um trecho da baixada da Guanabara; o planalto brasileiro — particularmente a zona metalúrgica do estado de Minas Gerais —; e o vale do rio Doce, teatro de recentes empreendimentos, em grande escala, de capitais privados e da administração brasileira.

Deixando o Rio de Janeiro, por estrada de rodagem, atravessar-se-á a estreita faixa de baixada, onde se sucedem os depósitos recentes e as pequenas elevações arredondadas do cristalino, com seus diferentes níveis. Aí poderão os excursionistas observar a ocupação do solo transformada modernamente pelas obras de saneamento da baixada. Poderão ainda observar os remanescentes de ciclos econômicos por que passou a região, como sejam a monocultura da cana-de-açúcar, a pecuária e a fruticultura comercial da laranja, realizadas em grandes propriedades, que vão sendo retalhadas pelo loteamento, sobretudo nas áreas mais próximas ao Rio de Janeiro.

Galgar-se-á, em seguida, o primeiro degrau do planalto brasileiro, a imponente serra do Mar, grande bloco cristalino falhado e dissecado. Será fácil verificar que a população é rala nessa região de topografia acidentada, onde predominam as encostas íngremes, muitas vêzes recobertas de densa mata tropical. Na cidade serrana de Petrópolis, importante centro de veraneio e de indústrias variadas, notar-se-á a influência marcante da colonização suíça e alemã, origem da cidade.


EXCURSÃO 2
CONVENÇÕES
Rio de Janeiro
Capital
Cidade
itinerário
por ferrovia
em rodovia
por via aérea
por via fluvial
15km 0 30 60 90 120km
20 10 0 10 20 30 40 50Mi
BAHIA
MINAS GERAIS
ESPÍRITO SANTO
RIO DE JANEIRO
OCEANO ATLÂNTICO
BELO HORIZONTE
Nova Lima
Sabará
Barão de Cocais
Rio Piracicaba
Itabira
Antônio Dias
Cel Fabriciano
Itabirito
Ouro Prêto
Cons. Lafaiete
Barbacena
Juiz de Fora
Três Rios
Petropolis
RIO DE JANEIRO
NITERÓI
Conceição do Mato Dentro
Morro do Pilar
Ferros
Governador Valadares
Cons. Pena
Resplendor
Aimorés
Colatina
Nova Venécia
São Mateus
São Domingos
Linhares
Aracruz
VITÓRIA
Campos
Lagoa Feia
Rio Doce
Rio Paraíba
Rio Pomba
Rio Preto
Rio Paraibuna
Rio Macaé
Rio Itabapoana
Rio Manhuaçu
Rio Pedra
Rio José
Rio Casca
Rio das Velhas
Rio S. Mateus
Rio São José
R. Paraopeba
R. Itapemirim
44° 43° 42° 41° 40°
18° 19° 20° 21° 22° 23°

Pela importante rodovia União-Indústria, a excursão atingirá o vale do Paraíba na altura de Três Rios, importante entroncamento rodo-ferroviário. A rodovia, subindo o vale do rio Paraibuna, afluente do Paraíba pela margem esquerda, vence a serra da Mantiqueira por uma das brechas naturais na escarpa, que serve às comunicações terrestres entre o sudeste de Minas Gerais e o litoral.

No planalto mineiro, além da desenvolvida criação de gado leiteiro, será observada a atividade industrial de Juiz de Fora, baseada em matérias primas regionais e que vai desde a produção de laticínios à fabricação de tecidos. Outra cidade interessante, que será observada na excursão, é Barbacena, particularmente quanto à influência que teve na ocupação humana do planalto. Ao se atingir Ouro Prêto, cidade gerada pelo ciclo da mineração do ouro, no século XVIII, as cristas monoclinais quartzíticas chamam atenção para um novo aspecto do planalto: a serra do Espinhaço.

Chega-se, assim, à zona metalúrgica, que corresponde ao andar médio da série de Minas, onde ocorrem rochas metamórficas, ricas em minerais ferromagnesianos de importância econômica. Notáveis relevos de tipo apalachiano aí poderão ser observados. Trata-se de uma região onde predomina uma paisagem marcada pela mineração, com a atividade siderúrgica à base de carvão vegetal e a extração do ouro, hoje decadente. Visitar-se-á uma usina siderúrgica, em Monlevade, e uma área de extração em grande escala de minério, em Itabira.

Nesta região do planalto, será dada especial atenção ao estudo de Belo Horizonte, cidade planejada para capital do estado de Minas Gerais e inaugurada em 1897. Contrasta com o grande número de cidades coloniais que lhe são próximas, cuja primitiva função cessou a partir do declínio da mineração do ouro.

O vale do rio Doce será percorrido por estrada de ferro. No seu trecho superior, é de se notar a devastação generalizada da mata tropical, provocada pelas usinas siderúrgicas.

Atinge-se, no médio vale, a cidade de Governador Valadares, que deve seu grande crescimento populacional à situação privilegiada que desfruta, no centro das comunicações entre quatro grandes capitais brasileiras. Sua florescente atividade industrial, com base em produtos regionais, poderá ser objeto de pesquisas interessantes.

Continuando a descer o vale do rio Doce, será percorrida, até Colatina, uma área de típica colonização ferroviária, onde à lavoura de café sucedeu a pecuária extensiva, que aí apresenta bons padrões de desenvolvimento.

De Colatina para o norte, serão observados os diversos aspectos da ocupação recente, que dão à paisagem de florestas tropicais um caráter de pioneirismo. A base dessa ocupação tem sido a lavoura do café. Os processos utilizados, por provocarem o desgaste do solo, vão deslocando as áreas de cultura e são responsáveis por sucessivas frentes de exploração.

De São Mateus, retornar-se-á para o sul até Linhares, atravessando a zona de tabuleiros terciários com ocupação humana muito reduzida.

Em pequena viagem fluvial, será percorrido o baixo rio Doce, com sua exuberante mata tropical. Aí poderão os excursionistas observar o aproveitamento dos sedimentos aluviais para a cultura do cacau, atividade que faz desta área uma extensão da zona cacaueira do sul da Bahia.

A última etapa da excursão será a cidade de Vitória, capital do estado do Espírito Santo. Em passeio marítimo, far-se-á um reconhecimento da ria de Vitória e o estudo da evolução da cidade na ilha e no continente. Está programada ainda a visita ao pôrto especializado de minério de ferro, por onde se faz a exportação do produto da região de Itabira.

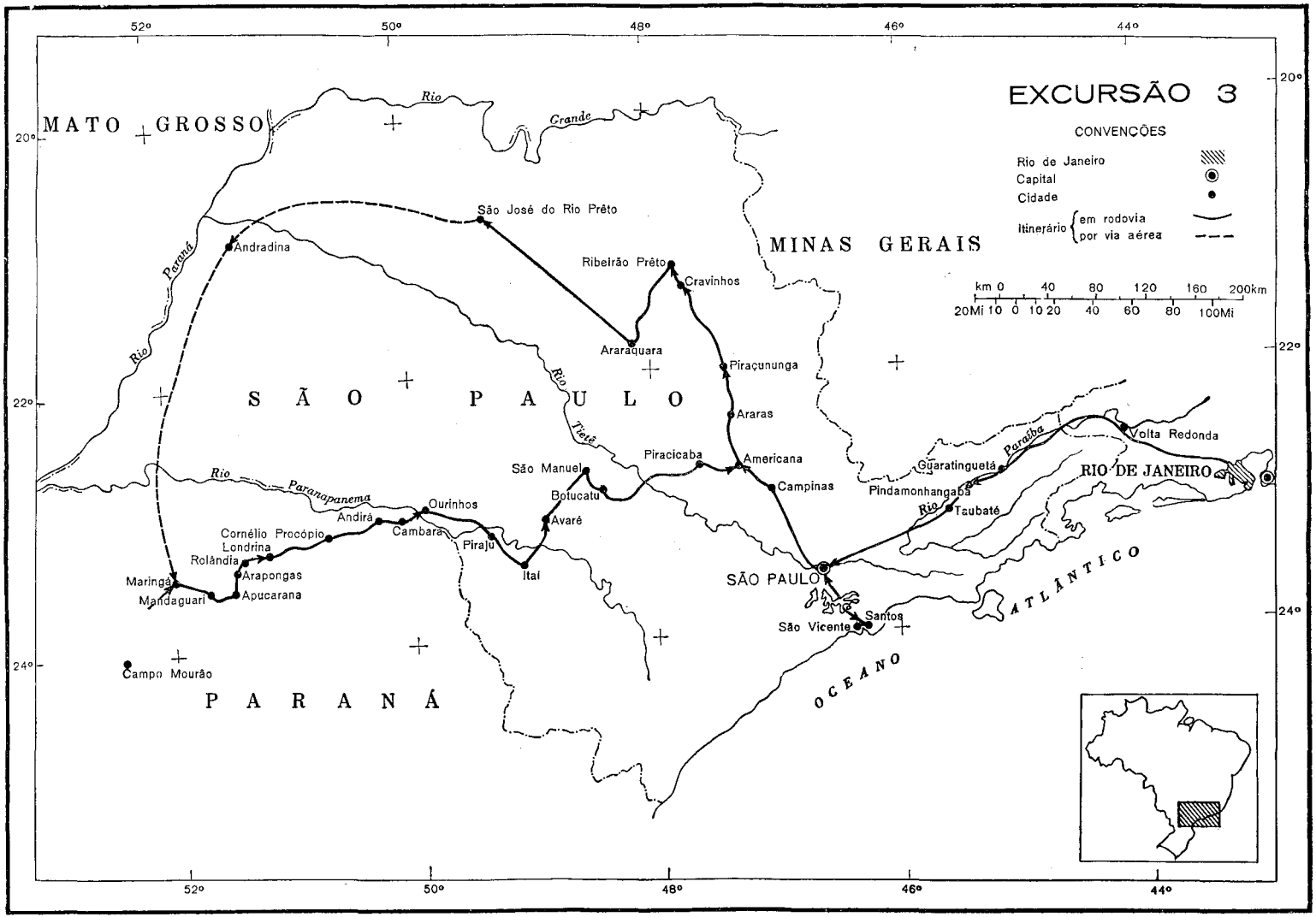
A viagem aérea de regresso ao Rio de Janeiro, proporcionará aos excursionistas uma visão geral dos escarpamentos falhados e fraturados que, voltados para o leste, limitam a velha superfície aplainada. Seguir-se-á a observação da bacia sedimentar de Campos, com sua intensa ocupação agrícola, e do litoral de lagunas e restingas, que se prolonga até a baía de Guanabara.

Após o regresso ao Rio de Janeiro, poderá ser proporcionada aos interessados uma visita à grande usina siderúrgica de Volta Redonda, que, à base de carvão mineral, utiliza o minério de ferro da área excursionada.

Excursão 3 — Roteiro do Café e Frentes Pioneiras

Duração provável: 15 dias (antes do Congresso)

Esta excursão seguirá o roteiro do café, desde a sua primeira área de expansão pelo


EXCURSÃO 3
CONVENÇÕES
Rio de Janeiro
Capital
Cidade
Itinerário
em rodovia
por via aérea
km 0 40 80 120 160 200km
20Mi 10 0 10 20 40 60 80 100Mi
MATO GROSSO
MINAS GERAIS
S Ã O P A U L O
P A R A N Á
RIO DE JANEIRO
OCEANO ATLÂNTICO
Rio Grande
Rio Paraná
Rio Tietê
Rio Paraíba
Rio Paranapanema
São José do Rio Prêto
Andradina
Ribeirão Prêto
Cravinhos
Araraquara
Piraçununga
Araras
Americana
Campinas
Piracicaba
São Manuel
Botucatu
Avaré
Itaí
Piraju
Ourinhos
Cambará
Andirá
Cornélio Procópio
Londrina
Rolândia
Arapongas
Apucarana
Maringá
Mandaguari
Campo Mourão
SÃO PAULO
Santos
São Vicente
Volta Redonda
Guaratinguetá
Pindamonhangaba
Taubaté
52° 50° 48° 46° 44°
20° 22° 24°

vale do Paraíba, nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, até zonas de ocupação recente, nas frentes pioneiras do estado do Paraná.

Atravessar-se-á, portanto, a faixa de transição entre as grandes regiões Leste e Sul.

Os excursionistas poderão notar que a cultura do café, em seu roteiro, passou de uma paisagem montanhosa, de blocos falhados do embasamento cristalino, dotada de clima tropical de altitude, para uma área de caracteres bastante diferentes, na grande região meridional, onde dominam os solos derivados de rochas paleozóicas e mesozóicas, os relevos monoclinais, devidos essencialmente à erosão, e o clima subtropical. Levou consigo um tipo de povoamento novo, que modificou as regiões anteriormente ocupadas e desbravou as ainda não colonizadas.

Uma vez atingido o vale médio do rio Paraíba, pela transposição da escarpa oriental do planalto brasileiro (serra do Mar), será possível acompanhar, ao longo da moderna rodovia Presidente Dutra, os vestígios da marcha do café, que se operou no século passado, em direção a São Paulo, sem entretanto, ter atingido a zona da capital do estado. Visitas a velhas cidades e a antigas fazendas, nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, permitirão examinar as marcas das etapas por que passou a colonização agrícola e pastoril, nas terras altas do Brasil na latitude do trópico. Por outro lado, a recente renovação, provocada pela indústria e pelas novas facilidades de comunicação, será objeto de nota, em rápidas visitas à usina siderúrgica de Volta Redonda e à cidade de Taubaté.

Deixando a bacia terciária do médio Paraíba, com suas colinas e planícies aluviais, molduradas pela escarpa da serra da Mantiqueira, atingir-se-á a bacia terciária do alto rio Tietê, onde se localiza a cidade de São Paulo.

No planalto paulistano, bem como na baixada litorânea, onde estão situados o pôrto de Santos e a velha cidade de São Vicente, será dedicada especial atenção aos reflexos, sôbre as paisagens urbanas, das fases por que passou a economia do extenso *hinterland*. A observação do extraordinário crescimento da metrópole bandeirante, do parque industrial do planalto, das comunicações e de alguns problemas urbanos (especialmente o da energia elétrica: reservatório e usinas da Light) proporcionará aos excursionistas, nas visitas programadas, uma visão geral da mais importante área industrial e comercial do Brasil e de suas relações com a economia cafeeira.

De São Paulo a São José do Rio Prêto, no noroeste do estado, uma vez deixado para trás o rebôrdo oriental cristalino do planalto, com seu povoamento ligado ao da capital, percorrer-se-ão, sucessivamente: 1) a depressão permiana, área relativamente pouco humanizada; 2) trechos da escarpa areníticobasáltica das *cuestas* (sedimentos mesozóicos e derrames de lava), ao atingir o planalto sedimentar do estado de São Paulo; 3) as manchas de terra-roxa da região de Ribeirão Prêto, capital regional do nordeste paulista, com cafèzais decadentes e um novo e vigoroso surto econômico baseado na policultura e 4) as regiões arenosas, encimadas por depósitos de arenitos cretáceos, caracterizadas pelos extensos "espigões" (divisores de águas), que descem suavemente até a margem esquerda do rio Paraná. Ao longo dêsse itinerário, que será coberto em auto-ônibus, acompanhar-se-á o roteiro do café, a partir da região de Campinas, onde se localiza um dos principais centros de pesquisas agronômicas do mundo tropical, até São José do Rio Prêto, outro expressivo exemplo de capital regional do interior paulista. As fases da evolução, nas antigas áreas de pioneirismo, com o café substituindo a floresta tropical e com a diversificação posterior das formas de ocupação do solo, serão objeto de vários reconhecimentos no terreno, em visitas programadas a grandes fazendas, a pequenas propriedades e explorações rurais, assim como às cidades da civilização do café, no interior paulista.

Partindo de Rio Prêto, viajar-se-á, em avião, até a cidade de Maringá, na frente de povoamento do norte do estado do Paraná. O itinerário permitirá uma visão da conquista efetuada, no extremo ocidental do território paulista, pela marcha das frentes pioneiras, da primeira metade dêste século. Deverão, ainda, ser sobrevoadas algumas das mais novas expansões do povoamento, inclusive cidades surgidas recentemente nos sertões da margem esquerda do rio Paraná.

Deter-se-ão os participantes a recolher observações na região de Maringá, no local onde se encontrar, em julho de 1956, a vanguarda do povoamento; e, possìvelmente, na de Campo Mourão, cidade situada além da referida frente de colonização e cujo desenvolvimento se deve a povoadores oriundos do Rio Grande do Sul. É provável que se faça em todo êste trecho, poucos meses antes do

Congresso, o reajustamento do itinerário, para que se surpreendam as instalações mais recentes dos pioneiros, vindos da área de influência paulista no estado do Paraná.

Por estrada de rodagem, a partir do importante centro regional, que é hoje a cidade de Maringá, iniciar-se-á a volta, percorrendo, em sentido contrário ao da marcha colonizadora, efetuada nos últimos trinta anos, o teatro da mais vigorosa das penetrações dos plantadores paulistas: a região das terras roxas do norte do Paraná. Além de propriedades agrícolas de vários tipos, extensões e idades, serão objeto de reconhecimento as cidades da região, especialmente Londrina, capital regional, estando também previstas visitas a emprêsas de terras e colonização.

Novamente em território paulista, depois de percorrer algumas áreas onde importantes lavouras e centros cafeicultores de outrora se apresentam hoje com novas características (região algodoeira), abandonar-se-á o planalto ocidental do estado, para descer uma das vivas escarpas da *cuesta* na região de Botucatu.

Até atingir, novamente, Campinas, outros aspectos da paisagem, na depressão permiana e nos seus contactos, serão observados, especialmente na região canavieira de Piracicaba.

Da capital paulista, os congressistas retornarão ao Rio de Janeiro.

Excursão 4 — Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e Região de São Paulo

Duração provável: 10 dias (antes do Congresso)

Esta excursão, cujo percurso será feito exclusivamente por estrada de rodagem, dará oportunidade aos visitantes de conhecer os principais problemas da geografia física, humana e econômica das terras altas do Brasil tropical atlântico.

Como exemplo do modelado tropical úmido, a região compreendida no itinerário é talvez a mais interessante do país e a que, em extensão relativamente restrita, apresenta o maior número de paisagens típicas.

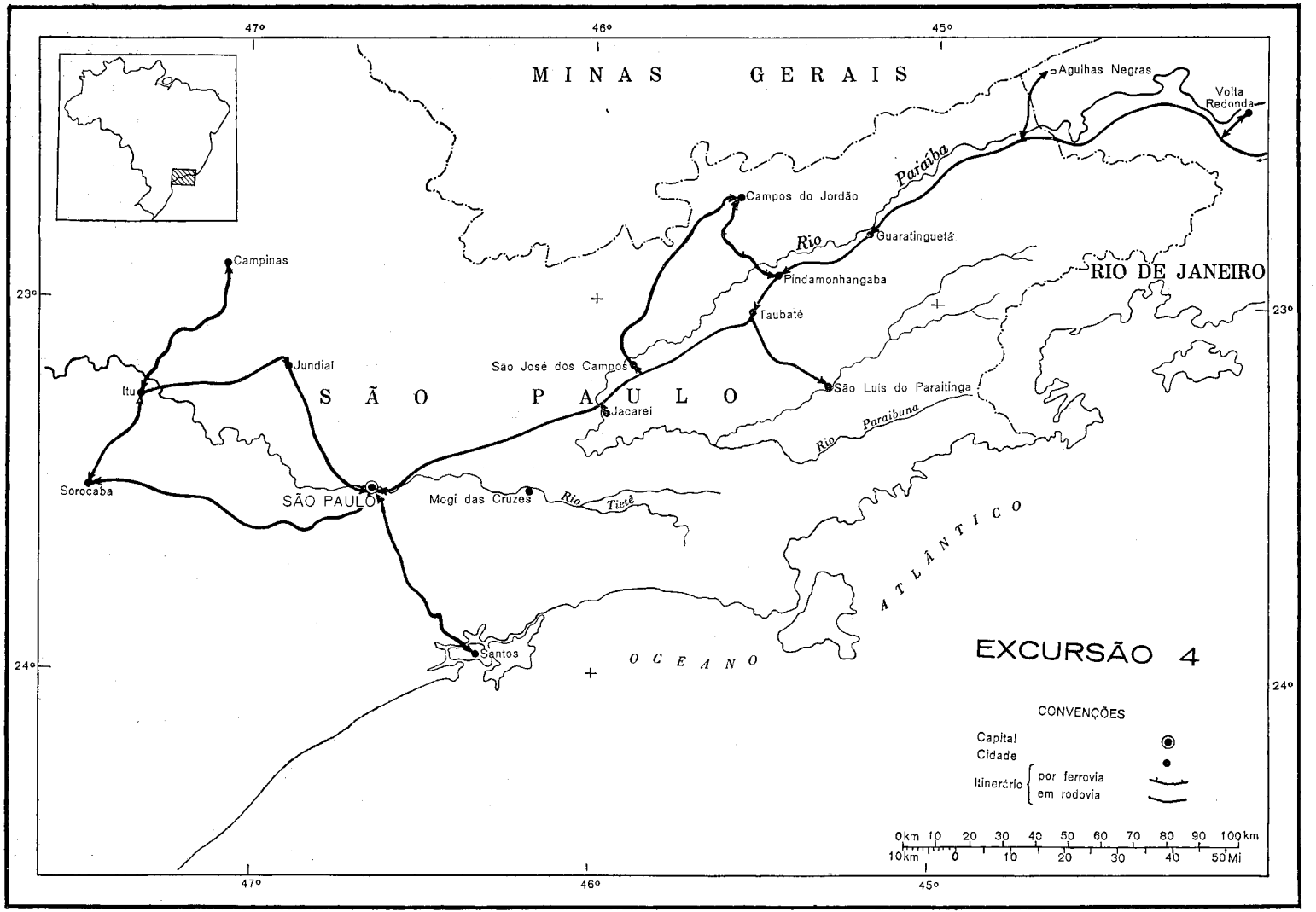
A excursão proporcionará o exame da região cristalina, soerguida, arqueada e fraturada, em que se modela a orla elevada do planalto brasileiro. Nela se poderão observar, além das formas resultantes do tectonismo, superfícies de aplainamento, escalonadas e embutidas, de arranjo relativamente complexo.

Com efeito, na área cristalina antiga do Brasil atlântico, localizada no sul de Minas Gerais, leste de São Paulo e sudeste do Rio de Janeiro, se desenvolvem uma série monumental e maciça de planaltos acidentados dispostos em blocos (Bocaina e Campos do Jordão), alinhamentos de escarpas de falhas (serras do Mar e da Mantiqueira) e extensas regiões de morros mamelonares ("meias laranjas" da bacia do Paraíba). Em meio aos grandes acidentes do planalto, existem, constituindo compartimentos de relêvo colinoso suave, pequenas bacias sedimentares flúvio-lacustres pliocênicas, preferidas para instalações urbanas e industriais (bacias de Resende, Taubaté e São Paulo). Ocupam *grabens* de gênese complexa, ângulos de falhas e zonas de barragem tectônica da hidrografia pré-pliocênica.

A excursão ensejará o estudo das altas superfícies de aplainamento do Brasil sudeste (superfície dos altos campos: 1 800-2 000 metros; e superfície das cristas médias: 1 100-1 300 metros). Além disso, serão observados: as diversas modalidades de relevos policíclicos e epicíclicos regionais; a posição, a topografia e os problemas genéticos das bacias flúvio-lacustres do médio Paraíba e do alto Tietê; condicionamento da rêde de drenagem pelo tectonismo e a epirogênese cíclica; o modelado das vertentes em regiões serranas tropicais úmidas; a morfologia dos "mares de morros"; os terraços fluviais de diversos tipos e níveis e as planícies de inundação regionais.

Florestas pluviais tropicais recobriam quase tôda a superfície dessa região acidentada, existindo apenas formações campestres de altitude, em níveis superiores a 1 800-2 000 metros, assim como pequenas manchas de *Araucaria* nas altas encostas da Mantiqueira (região de Campos do Jordão).

Sob o ponto de vista da ocupação dos solos, a excursão possibilitará um estudo, ainda que rápido, das paisagens urbanas e rurais de regiões fluminenses e paulistas de povoamento relativamente antigo, que, na primeira metade do século XIX, assistiram à expansão inicial dos cafèzais. Observe-se que, em virtude das vicissitudes econômicas por que passou, a região oferece exemplos interessantes de interferência de paisagens agrárias. Sendo área de terras cansadas e de topografia geralmente acidentada, hoje é dominada pelos pastos e pelas culturas substitutivas do café. Nas planícies de inundação do


47°
46°
45°
23°
24°
MINAS GERAIS
RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO
Agulhas Negras
Volta Redonda
Rio Paraíba
Campos do Jordão
Guaratinguetá
Pindamonhangaba
Taubaté
São José dos Campos
São Luís do Paraitinga
Jacarei
Rio Paraibuna
Campinas
Jundiaí
Itu
Sorocaba
SÃO PAULO
Mogi das Cruzes
Rio Tietê
Santos
OCEANO ATLÂNTICO
EXCURSÃO 4
CONVENÇÕES
Capital
Cidade
Itinerário
por ferrovia
em rodovia
0km 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100km
10km 0 10 20 30 40 50Mi

médio Paraíba, estendem-se vastos arrozais; também é digna de nota a horticultura aí praticada

Uma industrialização recente e variada, com base, sobretudo, na situação geográfica criada por essa importante zona de passagem que é o vale do Paraíba, vem mudando o aspecto da economia regional Dêsse modo, compensa-se, pelo desenvolvimento da vida urbana, a decadência que afetou a vida agrária, após a passagem da cultura cafeeira pela região

No percurso do Rio de Janeiro a Volta Redonda, a travessia da Baixada Fluminense ensejará a observação dos vários níveis de suas colinas, dos subúrbios industriais e residenciais do Rio de Janeiro, bem como dos loteamentos recentes, das obras de saneamento e recuperação das planícies flúvio-marinhas locais e dos laranjais decadentes da zona rural A escarpa da serra do Mar e seu reverso continental serão o grande atrativo das observações geomorfológicas e fitogeográficas dêsse primeiro trecho Entre os aspectos a serem analisados no vale do médio Paraíba, pode-se ressaltar a usina de Volta Redonda, a maior e mais moderna realização da indústria siderúrgica brasileira

Na Mantiqueira, será feita uma visita ao Parque Nacional do Itatiaia, onde serão estudadas as fraldas do grande maciço sienítico das Agulhas Negras Subir-se-á até o pôsto meteorológico, situado a 2 228 metros numa área onde a floresta tropical, a pouco e pouco, cede lugar a campos de altitude O problema da existência de uma glaciação pleistocênica, moderada e local, poderá ser discutido pelos especialistas ali reunidos

Será dedicado um dia ao estudo do alto médio vale do Paraíba, com uma rápida visita à região de São Luís do Paraitinga, para observação da sua economia agrária tradicional, da paisagem urbana da pequena cidade e das formas de relêvo mamelonar do divisor de águas entre os dois formadores do rio Paraíba do Sul Nessa área, se dará particular atenção ao estudo dos relevos policíclicos e epicíclicos, representados por níveis de erosão embutidos e por terraços fluviais de diferentes tipos.

Far-se-á, em seguida, a ascensão da Mantiqueira, agora em outro setor, bem diferente do que foi visto na região do Itatiaia Trata-se da região de Campos do Jordão, tradicional estância climática de montanha, onde os participantes observarão o modelado atual da chamada "superfície dos altos campos", a mais alta das superfícies de aplainamento do Brasil tropical atlântico

Uma visita à cidade de São Paulo e seus arredores possibilitará aos excursionistas uma visão geral da geografia urbana dessa grande metrópole com seus problemas de sítio e estrutura urbana, situação geográfica, circulação interna, funções urbanas, crescimento horizontal e vertical De São Paulo, será feita pequena digressão no roteiro principal, para uma visita a Santos, o grande pôrto que centraliza a exportação e importação do estado de São Paulo No caminho, poderá ser estudada a serra do Mar, em um dos seus trechos mais interessantes, e a Baixada Santista, com sua paisagem de manguezais e bananais No maciço de Santos, serão discutidos os problemas suscitados pelos níveis de erosão escalonados e os terraços marinhos do litoral paulista

O fecho da jornada será uma visita à zona de contacto entre os terrenos antigos e as primeiras camadas sedimentares da bacia do Paraná na região de Sorocaba, Itu e Campinas Aí será estudado o arranjo da drenagem antecedente, que, a partir das terras altas antigas, ganha o interior da bacia do Paraná, por intermédio de traçados conseqüentes epigênicos Haverá oportunidade para o estudo da curiosa *fall line* apalachiana, típica do estado de São Paulo, e para observações sôbre as cidades que ali se estabeleceram e se desenvolveram

Na zona serrana acidentada (1 100-1 250 metros), que medeia entre a região da capital paulista e a margem oriental da bacia sedimentar do rio Paraná, serão estudadas as formas de relêvo das velhas montanhas aplainadas e rejuvenescidas, da série São Roque (algonquiano).

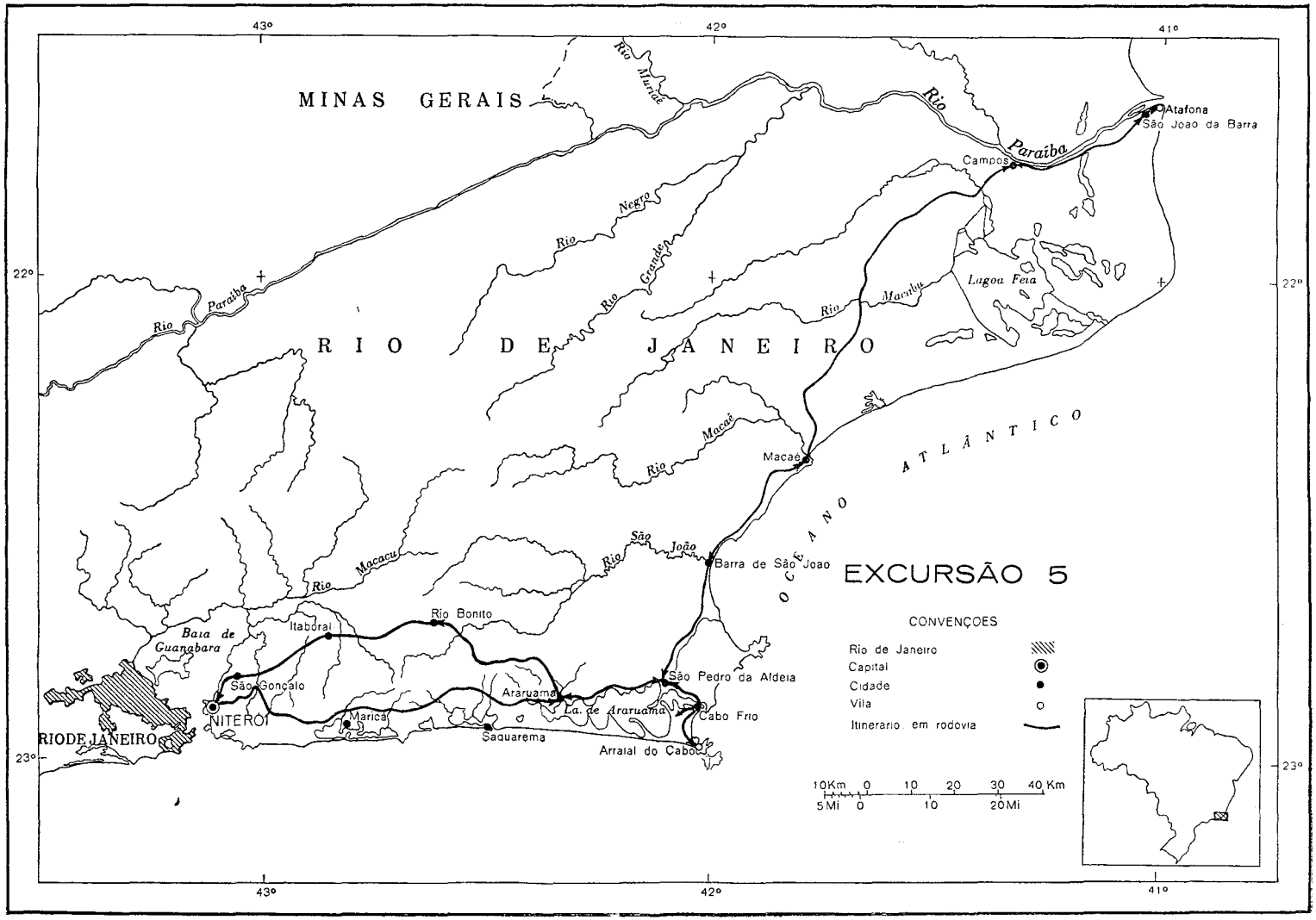
Da cidade de São Paulo, os congressistas retornarão diretamente ao Rio de Janeiro.

Excursão 5 — Planície Litorânea e Zona Canavieira do Estado do Rio de Janeiro

Duração provável: 8 dias (depois do Congresso)

Esta excursão percorrerá a região litorânea situada a leste e nordeste da Capital Federal, dando a conhecer grande parte da extensa planície que se desenvolve, no território do estado do Rio de Janeiro, entre a serra do Mar e o oceano — a Baixada Fluminense

O trajeto da excursão seguirá a rodovia Amaral Peixoto, estando, entretanto, previs-


EXCURSÃO 5
CONVENÇOES
Rio de Janeiro
Capital
Cidade
Vila
Itinerario em rodovia
MINAS GERAIS
RIO DE JANEIRO
OCEANO ATLÂNTICO
Rio Muriaé
Rio Paraíba
Rio Negro
Rio Grande
Rio Macaé
Rio São João
Rio Macacu
Rio Paraíba
Lagoa Feia
Baía de Guanabara
RIO DE JANEIRO
NITEROI
São Gonçalo
Itaboraí
Rio Bonito
Maricá
Saquarema
Araruama
La. de Araruama
São Pedro da Aldeia
Cabo Frio
Arraial do Cabo
Barra de São João
Macaé
Campos
Atafona
São João da Barra
43°
42°
41°
22°
23°
10Km 0 10 20 30 40 Km
5Mi 0 10 20Mi

tos desvios em direção ao litoral em Saquarema e Cabo Frio. Na zona de Campos, será alcançada mais uma vez a orla marinha em Atafona, na foz do rio Paraíba do Sul. Também serão feitas incursões ao vale do Muriaé e à lagoa Feia.

Os excursionistas verão que a planície não apresenta as mesmas características, em tôda a sua extensão. Próximo ao Rio de Janeiro e a Niterói, ela é interrompida por pequenos maciços montanhosos, que, à semelhança da serra do Mar, apresentam frente abrupta voltada para o litoral e encostas mais suaves, para o interior. Na baixada pròpriamente dita, vários aspectos serão observados. O litoral se caracteriza, ora por lagoas costeiras, que cordões litorâneos separam do mar, ora por extensas planícies arenosas. Na retaguarda dêsses cordões litorâneos, estende-se a planície de colmatagem recente, especialmente desenvolvida no trecho em que a serra do Mar, infletindo para nordeste, mais se afasta do litoral.

Os geógrafos estrangeiros que participarem desta excursão descortinarão uma visão objetiva de uma área, que, tendo-se tornado conhecida por sua insalubridade, sua população rarefeita e seu quase abandono, graças às obras de saneamento vai ressurgindo aos progressos da industrialização e à crescente valorização dos produtos agrícolas. Ao lado da baixada campista, que, sempre constituiu uma exceção, por ter ficado a salvo da decadência que afetou as outras áreas da Baixada Fluminense, os excursionistas observarão com interêsse a zona de Araruama-Cabo Frio, a um tempo centro turístico e salineiro, e a zona industrial de São Gonçalo, bem como aquelas áreas, que, embora conservando o seu caráter eminentemente agrícola, revelam, em seu aproveitamento atual, tendência a uma verdadeira recuperação econômica.

No primeiro trecho da excursão entre Niterói e Araruama, a estrada atravessa um dos maciços litorâneos e as pequenas planícies costeiras, constituídas de sedimentos recentes, que separam do mar o relêvo cristalino. À roda das lagunas que aí se espraiam vive uma população numerosa de pescadores. Nas pequenas planícies, como na Baixada Fluminense em geral, dominou até o século passado a economia açucareira, da qual restam apenas vestígios em alguns engenhos e velhas fábricas de açúcar e de aguardente, sendo raras as usinas. A citricultura, a criação de gado, e, nas encostas dos maciços, a exploração do carvão vegetal, completam a economia da região. Em virtude da proximidade do Rio de Janeiro, a região também está sendo invadida pelos loteamentos, especialmente à beira das praias e às margens das lagoas.

Das várias lagoas existentes nesta faixa costeira, a maior é a de Araruama, em cujas margens se faz a exploração do sal, mediante a evaporação das águas em tanques e cristalizadores. Aí está sendo instalada, junto ao Arraial do Cabo, uma grande fábrica de álcalis.

O litoral de Araruama e a zona de Cabo Frio, famosa por suas belas praias e por sua pitoresca aldeia de pescadores, se estão transformando atualmente em centros de turismo, atraindo a população abastada da cidade do Rio de Janeiro.

A nordeste de Araruama, os excursionistas poderão observar aspectos novos na região litorânea. Desaparecem os maciços montanhosos que compartimentam as pequenas planícies, dominando então a paisagem, grandes planícies recentes, ainda mal drenadas, onde divagam os rios São João, Macaé e Macabu. Aí, como em outros trechos da baixada, podem ser observados canais, valetas e diques, construídos pelo Departamento Nacional de Obras e Saneamento, em sua tarefa de recuperação desta área.

A rodovia não se afasta muito da linha da costa, alcançando-a mesmo, em Barra de São João e Macaé, cuja função portuária, outrora importante, desapareceu progressivamente, a partir do fim do século passado, com a concorrência do transporte ferroviário e, depois, rodoviário.

No baixo vale do rio Paraíba do Sul é que a planície litorânea apresenta seu maior desenvolvimento, em parte originada pela deposição dos materiais trazidos pelo referido rio, em parte pela sedimentação marinha.

Entre Campos e São João da Barra, na foz do Paraíba, pode-se observar a sedimentação marinha evidenciada pela sucessão de cordões litorâneos quase paralelos, separados por depressões longitudinais, às vêzes ainda ocupadas pelas águas. Ver-se-á que aí o aproveitamento econômico é quase nulo, contrastando com a ocupação canavieira do restante da planície.

São numerosas as lagoas em tôda a planície, sendo a maior a lagoa Feia, que será visitada pelos excursionistas. Muitas têm desaparecido recentemente, em conseqüência dos trabalhos de drenagem executados na região, e as terras agrícolas assim obtidas vão sendo logo ocupadas pelos canaviais.

À atividade agrícola decorrente do plantio e da safra da cana de açúcar, alia-se a industrial, representada pelas grandes usinas. Esta paisagem estende-se até a entrada da cidade de Campos, em tôrno da qual não se observa nenhuma área de horticultura: passa-se sùbitamente dos canaviais para as ruas apertadas da cidade. A zona de Campos é um dos grandes e tradicionais centros açucareiros do Brasil; são numerosas suas usinas de açúcar e destilarias de álcool, que dão ao estado do Rio de Janeiro um dos primeiros lugares na produção brasileira. Será proporcionada aqui aos excursionistas a visita a uma usina de açúcar e pequenas excursões de interêsse geográfico pelos arredores da cidade.

A atividade canavieira não se limita, no entanto, à baixada quaternária do Paraíba e às terras recém-conquistadas às lagoas. Estende-se pelos tabuleiros, de solos mais pobres, onde os rendimentos obtidos, mais baixos, obrigam ao emprêgo de adubos; e acompanha, ainda, a várzea do Muriaé, subindo pelas margens dêste rio, ao encontro da zona cafeeira do norte do estado.

Nesta excursão o retôrno far-se-á diretamente para o Rio de Janeiro, passando por Rio Bonito e Itaboraí.

Excursão 6 — Bahia

Duração provável: 15 dias (depois do Congresso)

Esta excursão proporcionará aos visitantes a oportunidade de conhecer trechos de duas grandes regiões brasileiras: a Leste e a Nordeste.

Embora a transição de uma para outra no sentido sul-norte seja suave, as unidades regionais menores contrastam vivamente, no sentido leste-oeste. Atendendo a essa circunstância, foi o trajeto estabelecido de molde a propiciar não só uma visão dos traços mais característicos das diversas zonas visitadas, como também o seu exame do ponto de vista comparativo.

Assim, a visita à região quente e úmida, que, sujeita a uma superposição de dois regimes climáticos diferentes e revestida de floresta tropical, se estende da orla litorânea à encosta do planalto interior, será seguida de percursos em zona de florestas de transição e em áreas semi-áridas, com climas tropicais de longa estação sêca de inverno, onde a vegetação típica é a "caatinga". À observação dos relevos litorâneos pouco pronunciados, seguir-se-á o estudo de encostas completas e planaltos que representam o modelado das antigas superfícies de erosão do interior. A ocupação humana do litoral, densa e esteada na lavoura, será confrontada com a do interior, rala e dispersa, com base no pastoreio extensivo.

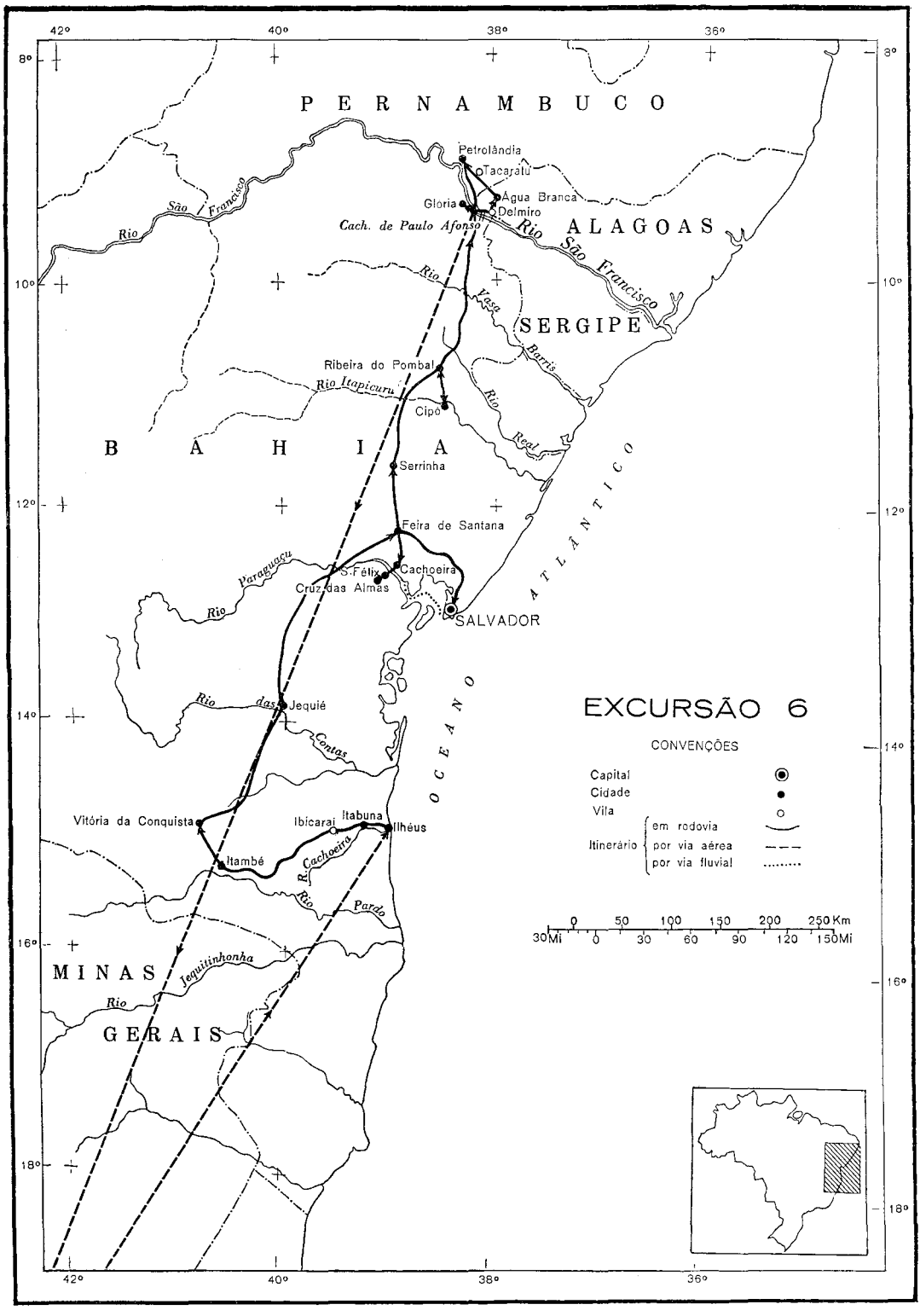
Partindo do Rio de Janeiro, os excursionistas serão conduzidos em avião para a cidade de Ilhéus, no litoral sul do estado da Bahia. Algum tempo será dedicado à observação dêsse importante centro econômico, grande mercado do cacau proveniente da maior área produtora dessa fonte de riqueza no Brasil. É interessante notar que foi graças ao clima úmido, dominante na região, que o cacau, nativo das terras equatoriais, pôde adaptar-se aí com tanto êxito. Os níveis de erosão das zonas litorâneas conduzirão a observações de geografia física e poderão suscitar interessantes discussões relativamente à possibilidade de sua correlação com movimentos eustáticos.

De Ilhéus, à margem do rio Cachoeira, se prosseguirá em rodovia, acompanhando, em grande parte, o curso dêste rio. A caminho de Itabuna, outro centro cacaueiro, os excursionistas visitarão grandes fazendas, podendo, então, estudar a estrutura dessas propriedades, bem como todos os fatos ligados ao cultivo do cacau, em seus aspectos agrícolas, econômicos e sociais.

Daí, sempre atravessando os restos da floresta tropical atlântica, se seguirá para sudoeste, vencendo, no percurso para montante, um relêvo movimentado e trabalhado enèrgicamente pela hidrografia.

Nova paisagem apresentar-se-á aos congressistas a partir de Ibicaraí, pequena cidade do interior e limite da zona cacaueira. É o largo planalto de Vitória da Conquista, cidade que se rejuvenesce e desenvolve por efeito de sua nova função de centro rodoviário.

Será percorrido largo trecho da grande superfície de erosão, que constitui o planalto, modelada em rochas antigas — arqueanas e algonquianas — e interrompida, ao norte, pelo entalhe que nela produziu o aprofundamento do rio de Contas. Já na zona de Vitória da Conquista se percebe pela hidrografia e pela vegetação uma tendência para a aridez do clima com pronunciada estação sêca de inverno; esta tendência acentuar-se-á progressivamente no percurso dêste lanço. Com efeito, ao se encaminharem para o norte do estado da Bahia, os excursionistas, notarão que, pouco a pouco, se passa a uma área on-


PERNAMBUCO
ALAGOAS
SERGIPE
BAHIA
MINAS GERAIS
OCEANO ATLÂNTICO
Petrolândia
Tacaratu
Água Branca
Gloria
Delmiro
Cach. de Paulo Afonso
Rio São Francisco
Rio Vaza Barris
Rio Real
Ribeira do Pombal
Rio Itapicuru
Cipó
Serrinha
Feira de Santana
S. Félix
Cachoeira
Cruz das Almas
SALVADOR
Rio Paraguaçu
Rio das Contas
Jequié
Vitória da Conquista
Itambé
Ibicaraí
Itabuna
Ilhéus
R. Cachoeira
Rio Pardo
Rio Jequitinhonha
EXCURSÃO 6
CONVENÇÕES
Capital
Cidade
Vila
Itinerário
em rodovia
por via aérea
por via fluvial
0 50 100 150 200 250 Km
30 Mi 0 30 60 90 120 150 Mi
42° 40° 38° 36°
8° 10° 12° 14° 16° 18°

de a torrencialidade e a intermitência caracterizam o regime dos rios e o solo raso nutre uma vegetação pobre, adaptada ao rigor do clima e representanda por elementos novos — a caatinga.

Em Feira de Sant'Ana, grande entroncamento rodoviário e importante centro de comércio da Bahia, os excursionistas, além de estudar a função dessa original cidade, que põe o sertão baiano em contacto com sua capital política, terão oportunidade de conhecer uma típica feira de gado.

A etapa seguinte, de Feira de Sant'Ana à tradicional cidade do Salvador, trará os excursionistas de volta à faixa úmida do litoral, que se alarga aqui na chamada zona do Recôncavo baiano. Esta, constituída, em seus traços gerais, de sedimentos mesozóicos e cenozóicos, apresenta uma estrutura de blocos bem caracterizados, na qual foi, pela primeira vez, localizado petróleo, em terras brasileiras.

A ocupação humana é adensada notàvelmente em função de atividades agrícolas tradicionais, sendo de particular interêsse a composição antropológica e social da população.

Na extremidade meridional da faixa de terras que contorna o lado oriental da baía de Todos os Santos, se ergue a cidade do Salvador, sede do govêrno do estado da Bahia, primeira capital do Brasil colonial, um dos primeiros focos de povoamento do país e verdadeiro repositório de valores artísticos e etnográficos da colônia. Cidade construída em dois níveis, possui edificações antigas, em que se destacam numerosas igrejas ricamente decoradas e que contrastam com as novas realizações da arquitetura brasileira.

A penetração na zona fumageira, após o reconhecimento das lavouras canavieiras centenárias dos solos de massapé do Recôncavo, será feita com a travessia marítima da baía de Todos os Santos e subida do baixo curso do rio Paraguaçu, por onde serão alcançadas as cidades gêmeas de São Félix-Cachoeira, situadas em uma e outra margem do rio. De São Féliz para Cruz das Almas poder-se-á observar intensa atividade agrícola em pequenas propriedades, especializadas na produção do fumo. As técnicas agrícolas, o regime de propriedade e, mesmo, a industrialização do produto, poderão ser examinados nessa zona de população particularmente densa, de onde são exportados charutos de renome.

Dessa região o grupo se deslocará em direção à cidade de Serrinha, já na área de clima semi-árido e relêvo suavemente ondulado, correspondente a extensa superfície de erosão. Daí para diante, os problemas morfológicos das regiões semi-áridas é que se oferecerão à consideração dos excursionistas. O pastoreio extensivo é a principal atividade da paisagem agressiva atravessada pelo itinerário, exceção feita de umas poucas áreas de lavoura, onde se aproveitam zonas úmidas, esparsas e de pequena extensão.

Na zona próxima à cachoeira de Paulo Afonso, o relêvo se apresenta completamente nivelado. O aspecto da caatinga é aqui muito característico; os solos ou são rasos ou inexistem de todo, deixando que aflore, desnuda, a rocha viva do embasamento.

Em Paulo Afonso, os excursionistas verão o profundo *cañon* do rio São Francisco e visitarão a usina hidroelétrica subterrânea, recém-inaugurada. A importância que representa o aproveitamento energético de Paulo Afonso para a economia da grande zona nordestina será fàcilmente compreendida, à luz das observações feitas em todo o decorrer desta excursão. Depois de atravessar o rio São Francisco, ganhando a sua margem alagoana e pernambucana, os congressistas terão a registrar novos fatos de real interêsse geográfico. Os percursos para Água Branca e Tacaratu ensejam a observação dos relevos proeminentes, que dominam essa zona nivelada de clima semi-árido. Essas terras altas, localmente denominadas "serras", com sua vegetação natural verdejante e seu clima ameno, acolhem apreciável concentração humana dedicada à lavoura.

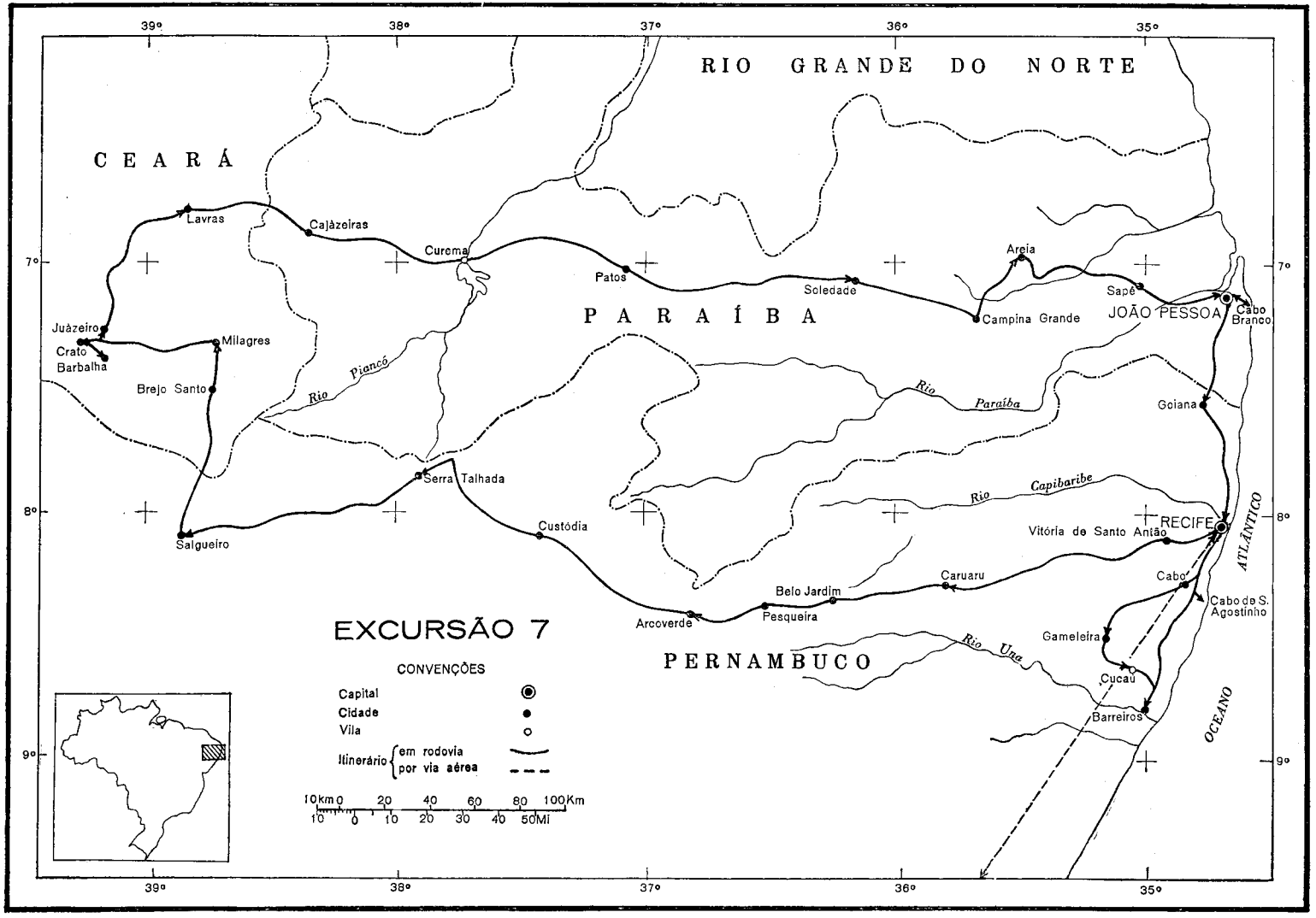
Será possível examinar o contraste e as relações dessas ilhas de umidade com os "sertões" circundantes. Visitar-se-á, ainda, Petrolândia, antes da volta a Paulo Afonso, de onde, por via aérea, se retornará ao Rio de Janeiro.

Excursão 7 — Nordeste

Duração provável: 18 dias (depois do Congresso)

Percorrendo trechos dos estados de Pernambuco, Ceará e Paraíba, esta excursão oferecerá ao estudo dos congressistas a parte norte-oriental do planalto brasileiro, conhecida como Nordeste, cuja particularidade mais notável é a existência de sêcas periódicas.

O itinerário consiste, em resumo, numa profunda penetração pelo interior nordestino, a partir de Recife, equivalendo a um corte leste-oeste, seguida de um percurso no sentido inverso, do interior para o mar, até João Pessoa.


EXCURSÃO 7
CONVENÇÕES
Capital
Cidade
Vila
Itinerário
em rodovia
por via aérea
10Km 0 20 40 60 80 100Km
10 0 10 20 30 40 50Mi
CEARÁ
RIO GRANDE DO NORTE
PARAÍBA
PERNAMBUCO
OCEANO ATLÂNTICO
Lavras
Cajàzeiras
Curema
Patos
Soledade
Areia
Sapé
Campina Grande
JOÃO PESSOA
Cabo Branco
Juàzeiro
Crato
Barbalha
Milagres
Brejo Santo
Rio Piancó
Rio Paraíba
Goiana
Serra Talhada
Rio Capibaribe
Custódia
Salgueiro
RECIFE
Vitória de Santo Antão
Caruaru
Belo Jardim
Pesqueira
Arcoverde
Cabo
Cabo de S. Agostinho
Gameleira
Rio Una
Cucaú
Barreiros
39° 38° 37° 36° 35°
7° 8° 9°

Êsse roteiro permite o contacto dos observadores com as três regiões típicas, em, que, nessas latitudes, se subdivide o Nordeste: a chamada "zona da mata", região litorânea úmida, florestal, agro-industrial e populosa; a faixa de transição, conhecida como região do "agreste", caracterizada pela atividade agro-pastoril, e apresentando belos exemplos de industrialização especializada (Pesqueira); e, finalmente, o "sertão", de clima semi-árido, chuvas incertas, sêcas periódicas, domínio da caatinga, da atividade pastoril e de população instável e rala.

O relêvo e a estrutura regionais, que poderão ser bem observados no percurso, são constituídos, em essência, por um planalto de altitude média, bastante aplainado pela erosão e formado pelo embasamento cristalino, de estrutura perturbada. Dispersos nesse planalto, acham-se resíduos da cobertura sedimentar mesozóica, que aí surgem como estruturas sub-horizontais, de aspecto tabular, constituindo chapadas, notadamente a do Araripe, que será atravessada pelos excursionistas. Na borda oriental do planalto cristalino, dispõe-se uma superfície de erosão mais elevada — o planalto da Borborema — rica em ocorrências minerais e delimitada a leste por uma rampa, especialmente bem definida em Pernambuco e Paraíba. Cingindo o planalto baixo, que é o prolongamento do escudo brasileiro, o litoral do Nordeste apresenta uma faixa de sedimentos referidos ao terciário, pouco perturbados, nos quais se esculpiram as colinas da chamada formação Barreiras. Outros aspectos particulares dêsse último trecho, como as "rias" e os recifes, poderão ser analisados no percurso de João Pessoa a Recife, que seguirá margeando o litoral.

A excursão iniciar-se-á com a travessia da zona da mata, situada entre os tabuleiros das Barreiras e a encosta oriental da Borborema, de povoamento mais antigo. Devotada a uma secular e tradicional cultura canavieira, é a região onde se acumularam grandes fortunas. Ainda hoje se podem reconhecer, como relíquia do passado, as marcas do chamado triângulo social do Nordeste: a casa-grande, a capela e o engenho. Os problemas sociais são antigos e complexos, ressaltando a questão da sobrevivência dos pequenos proprietários e produtores numa área onde o engenho, e depois a usina, são representantes de um regime agrário assentado no latifúndio. Zona de chuvas de inverno, com estiagem no verão, possui um solo argiloso e fértil, que, aproveitado sem o necessário cuidado durante muitos séculos, vem apresentando sinais de esgotamento. A floresta, que recobria êsse terreno, cedeu o lugar aos canaviais e sua madeira às fornalhas.

Galgada a Borborema, depois de se vencer a subida para Vitória de Santo Antão, penetra-se na região do agreste. É uma zona de transição, quer climática, quer econômica, entre o litoral e o sertão. No agreste, já se faz sentir a sêca, notando-se a parcimônia das chuvas pelo cultivo de uma cactácea forrageira, pela criação extensiva, pela ocorrência de xerófitas e pelo fato de os rios "cortarem", isto é, interromperem-se durante a estiagem prolongada. E' interessante notar o uso generalizado de cêrcas vivas, sempre verdes, que servem para demarcar os campos e defender as culturas da invasão do gado, especialmente dos caprinos; formadas de avelós, além de decorativas, dão uma nota característica ao agreste.

As condições do meio se refletem numa economia indecisa, agrícola e pastoril. A criação extensiva de bovinos domina as áreas menos próprias para a agricultura. Nos fundos dos vales e em certas serras, entretanto, há maior umidade e ainda subsiste alguma vegetação florestal; nesses lugares, usualmente denominados "brejos", desenvolvem-se culturas de subsistência, principalmente de mandioca, milho e feijão, no primitivo sistema agrícola das lavouras caboclas. A propriedade é mais dividida que no litoral.

Afora isso, os excursionistas encontrarão, nessas áreas tropicais semi-áridas, um exemplo de agricultura científica: a de tomates, no município de Pesqueira.

Logo depois de Pesqueira, aparece o sertão.

O relêvo muda novamente, pois as formas movimentadas cedem lugar a um peneplaino inclinado para o sul, onde se localiza a depressão do rio São Francisco. Ao norte, porém, a Borborema está presente, apresentando um grande esporão, que serve de limite entre os estados de Pernambuco e Paraíba. As terras do norte de Pernambuco elevam-se a mais de 900 metros; descaindo para o sul e para o norte, drenam as águas, respectivamente para o São Francisco e para o Atlântico. Nesse último caso, a drenagem é mais indiferente às linhas de crista, cortando-as em imponentes boqueirões. Num caso e noutro, os rios são periódicos: não sòmente se interrompem, como secam por completo.

No sertão, a pluviosidade é sensìvelmente baixa e a vegetação de caatinga apresenta tipos que variam conforme a profundidade e a umidade do solo. A ocupação dominante é a da pecuária extensiva, com rebanhos de bovinos e caprinos. Também é de se notar, nessas terras, a cultura do algodão, que aí prefere as variedades arbóreas de fibra longa.

Outras culturas, quando não plantadas nas "vazantes", geralmente se instalam nos tratos melhormente regados das elevações ou nas terras contíguas, chamadas de "pé de serra". Uma das áreas mais interessantes do Nordeste e que será visitada pelos excursionistas é a zona do Cariri. Umedecida pela água que mana de mais de 150 fontes de contacto, representa uma faixa de agricultura intensiva, larga alguns quilômetros, que se estende ao sopé da chapada do Araripe, no limite entre os estados de Pernambuco e Ceará.

A excursão deixará a área sertaneja, passando por Campina Grande, a maior cidade do interior nordestino.

Rumo à cidade de João Pessoa, percorrer-se-á a chamada zona do brejo, na Paraíba, que representa o bordo oriental da Borborema naquele estado. É área grandemente dissecada, onde vigora o clima úmido do litoral e a cana de açúcar é plantada ao lado da agave e de culturas de subsistência. Atravessada essa zona, segue-se a dos tabuleiros de areias cenozóicas que se estendem até o litoral.

Daí por diante, a viagem para o Recife se desenvolve em direção sul, paralelamente à costa, principalmente sôbre a formação Barreiras, mas com novas oportunidades de observação das formas de ocupação litorânea, com os extensos coqueirais e as atividades relacionadas com a pesca.

Excursão 8 — Amazônia

Duração provável: 24 dias (depois do Congresso)

Esta excursão, que utiliza como meios de transporte a navegação aérea e a fluvial, proporcionará aos geógrafos visitantes a oportunidade de conhecer a grande região Norte do Brasil. Trata-se de uma das mais extensas e características partes da imensa bacia amazônica, que se estende do planalto brasileiro, ao sul, ao maciço das Guianas, ao norte, alcançando, a oeste, fora dos limites do país, a cordilheira andina. O tipo de clima e a natureza da vegetação são os elementos fundamentais da região.

Suas peculiaridades poderão ser observadas, mesmo em percurso aéreo, como o programado e que seguirá a nova rota que, através do norte do estado de Mato Grosso, liga o Rio de Janeiro a Manaus, capital do estado do Amazonas.

Assim sendo, antes de penetrar nos céus da grande região Norte, aos excursionistas será proporcionada uma visão aérea de duas outras grandes regiões brasileiras, que serão atravessadas no percurso: a região Leste e a Centro-Oeste. Poder-se-á, então, observar a transição das áreas econômicamente mais desenvolvidas e de mais densa ocupação humana do país para as áreas selvagens e desabitadas da Amazônia, uma vez que essa transição se reflete claramente na paisagem através de diferentes padrões de ocupação da terra.

Na parte setentrional de Mato Grosso, serão vistos os contactos entre os "campos cerrados" e a *Hylaea* amazônica, formações vegetais dominantes, respectivamente, na região Centro-Oeste e na região Norte e cuja distribuição sofre sensível influência do relêvo.

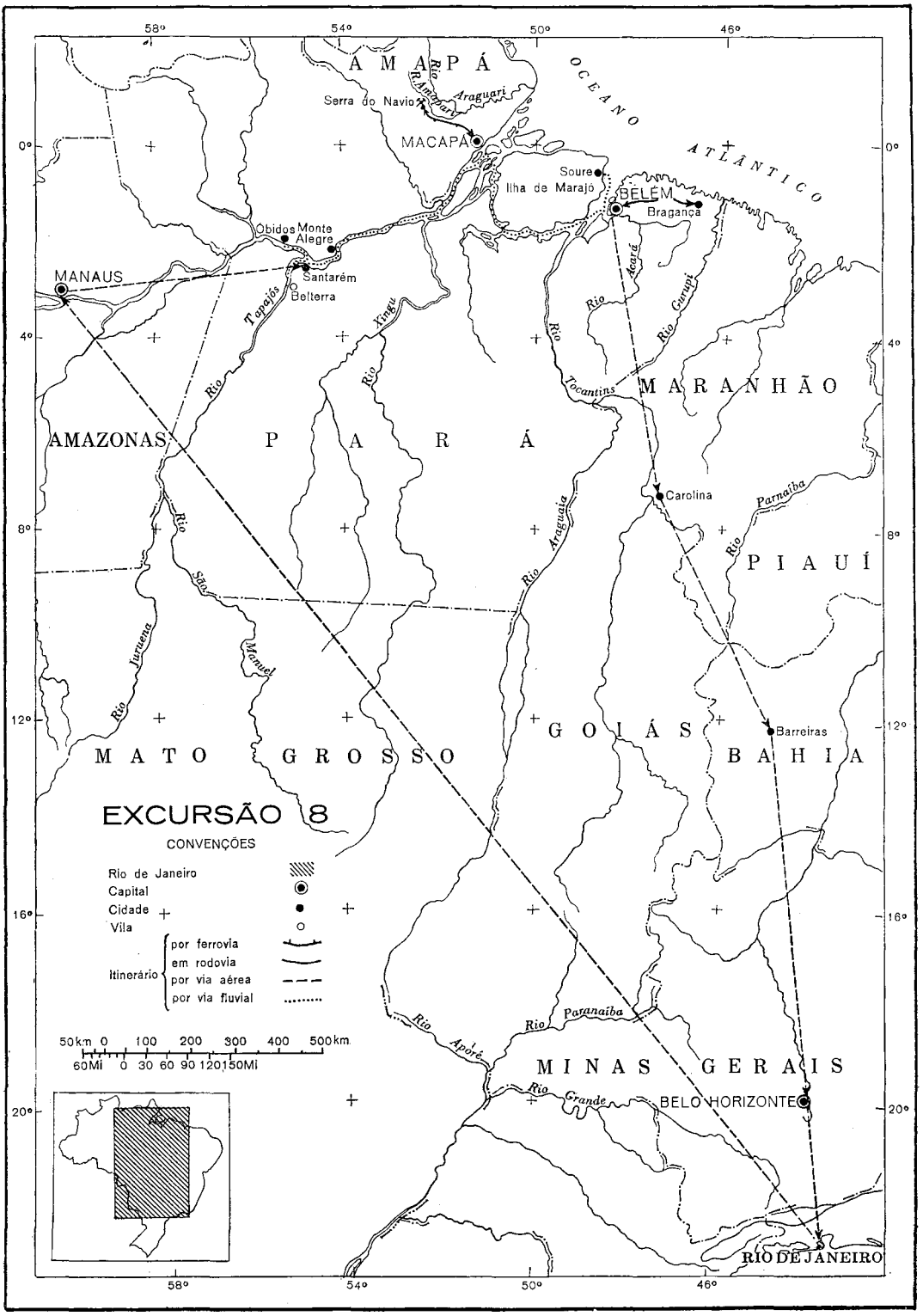
Será possível, ainda, um confronto entre as formas do relêvo sedimentar mesozóico dos altos cursos dos formadores de dois grandes subafluentes do rio Amazonas (rios São Manuel e Juruena), e as do relêvo do complexo fundamental brasileiro (algonquiano e arqueano), da vertente meridional da bacia amazônica.

A rota seguida entre o vale do alto rio Tapajós e Manaus atravessará faixas de terrenos algonquianos, devonianos e carboníferos, muito desgastadas pela erosão e ocultas pela floresta. Quando tais afloramentos são considerados em conjunto com os que se estendem, paralelos, ao norte do grande rio, constituem segura indicação da estrutura sinclinal do chamado baixo Amazonas.

A seguir, serão vistos o platô terciário e a planície quaternária que ocupam a parte axial do vale amazônico. A fisiografia e as atividades humanas e econômicas do platô terciário ("terra firme") e da planície quaternária de inundação ("várzea") poderão ser estudadas em pequenas excursões terrestres e fluviais, na região de Manaus.

O percurso de Manaus a Santarém também será feito de avião, a fim de proporcionar uma vista de conjunto da paisagem amazônica típica.

Na cidade de Santarém, capital regional do baixo Amazonas, os excursionistas poderão estudar as duas principais atividades eco-


AMAPÁ
OCEANO ATLÂNTICO
Serra do Navio
Rio Amapari
Rio Araguari
MACAPÁ
Soure
Ilha de Marajó
BELÉM
Bragança
Óbidos
Monte Alegre
Santarém
Belterra
MANAUS
Rio Tapajós
Rio Xingu
Rio Tocantins
Rio Acará
Rio Guamá
MARANHÃO
AMAZONAS
PARÁ
Carolina
Rio Parnaíba
Rio Araguaia
PIAUÍ
Rio São Manuel
Rio Juruena
GOIÁS
Barreiras
MATO GROSSO
BAHIA
EXCURSÃO 8
CONVENÇÕES
Rio de Janeiro
Capital
Cidade
Vila
Itinerário
por ferrovia
em rodovia
por via aérea
por via fluvial
50km 0 100 200 300 400 500km
60Mi 0 30 60 90 120 150Mi
Rio Paranaíba
Rio Aporé
MINAS GERAIS
Rio Grande
BELO HORIZONTE
RIO DE JANEIRO
58°
54°
50°
46°
0°
4°
8°
12°
16°
20°

nômicas das várzeas: a criação de gado e a cultura da juta. Nesta cidade (ou, possìvelmente, na de Óbidos) visitas a usinas de beneficiamento, enfardamento e tecelagem da juta darão idéia dos esforços industriais que aí se empreendem.

Nas circunvizinhanças, poderão ser realizadas observações do planalto arenítico de Santarém — o mais alto nível do terciário amazônico — em cujo tôpo florestal se encontra uma zona agrícola, colonizada por elementos emigrados do Nordeste brasileiro. Esta área se destaca, na região, por suas manchas de "terra preta", famosas pela fertilidade e abundância em restos de cerâmica indígena, da extinta tribo dos índios Tapajós. Ainda na região de Santarém, se visitará Belterra (ex-plantação Ford), primeira grande experiência de plantação racional da seringueira na Amazônia.

O percurso de Santarém a Belém, capital do estado do Pará, será feito em navio fluvial, descendo o Amazonas. Escalas apropriadas permitirão uma série de interessantes observações, entre as quais podem ser destacadas as que se seguem.

Em Monte Alegre, serão estudadas as formações paleozóicas e mesozóicas da orla setentrional do sinclinal amazônico (peneplaino devoniano da zona dos campos de criação do planalto de Monte Alegre e escarpamento cretáceo da serra do Ererê), as fontes termais da região e a Colônia Agrícola Nacional do Pará.

Na região do Lago Grande do Maicuru, serão visitadas as obras de colmatagem para a conquista das várzeas amazônicas, que estão sendo levadas a efeito pelo Instituto Agronômico do Norte.

De Macapá, capital do progressista território Federal do Amapá, partirá uma excursão às minas de manganês do rio Amapari, situadas na faixa algonquiana da encosta do maciço das Guianas; o trajeto será feito pela nova estrada de ferro que tem início no pôrto de minério, à margem do rio Amazonas.

Em Soure, maior centro pecuário da ilha de Marajó, serão observadas as condições do pastoreio regional e os esforços por sua modernização, estando prevista a visita a uma grande fazenda de criação de gado. Serão também examinados os aspectos fisiográficos da parte campestre oriental da ilha.

Uma vez chegados a Belém, a mais importante cidade da Amazônia e seu maior centro comercial, os participantes excursionarão por estrada de rodagem, até a cidade de Bragança, a fim de que seja observada a mais densamente povoada zona agrícola de tôda a grande região. Ao longo do trajeto, poderão ser feitas observações sôbre as formações terciárias miocênicas marinhas (formação Pirabas) e quaternárias antigas continentais (formação Pará).

Há ainda a possibilidade de uma excursão fluvial ao rio Acará (afluente do rio Guamá), para visitar as culturas racionais, em grande escala, de pimenta do reino, numa colônia agrícola de origem japonêsa, situada em Tomé-Açu.

A excursão terminará em Belém, onde visitas de interêsse geográfico estão programadas, sendo o retôrno ao Rio de Janeiro feito por via aérea.

Excursão 9 — Planalto Meridional

Duração provável: 24 dias (depois do Congresso)

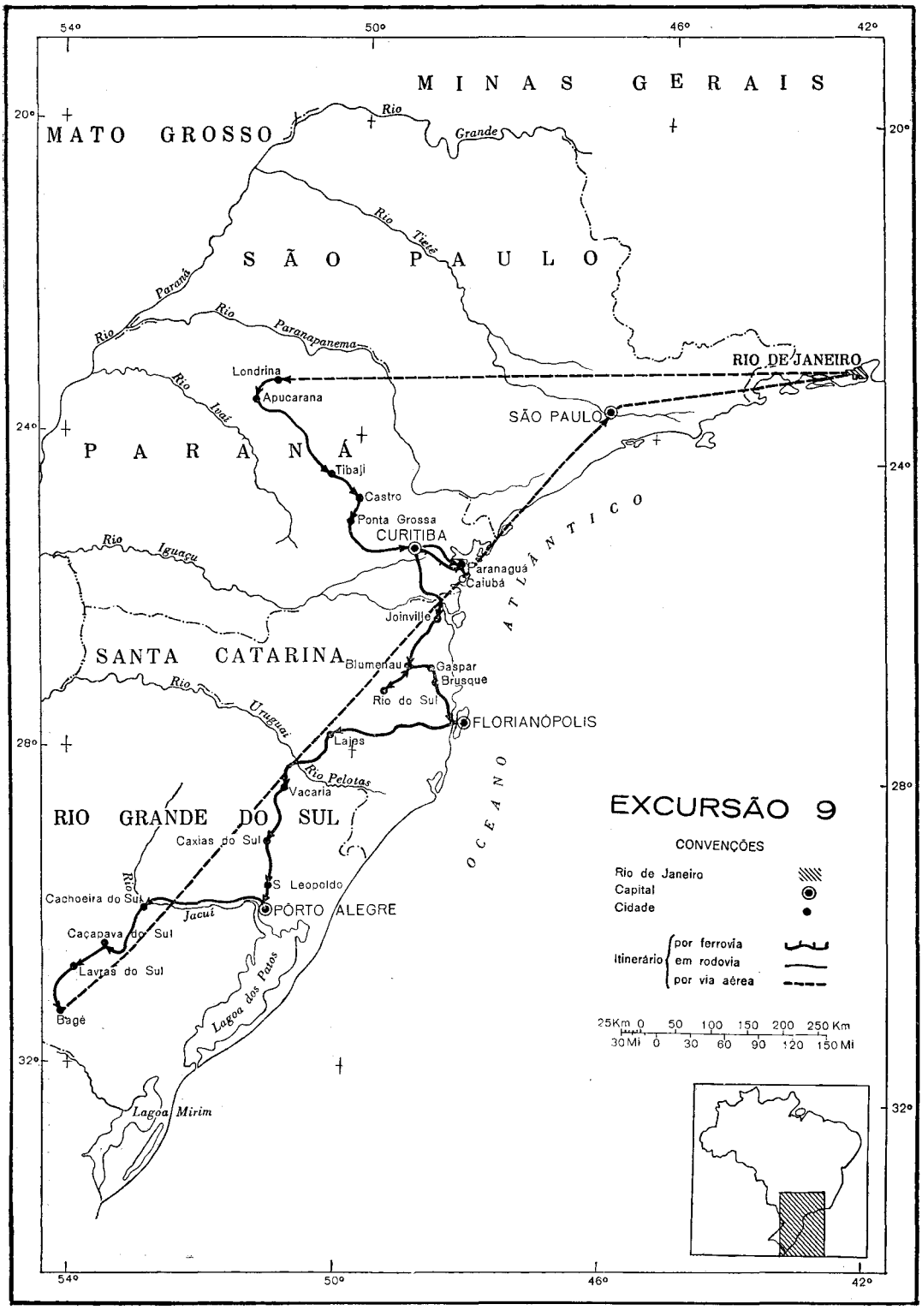
Esta excursão, percorrendo a grande região Sul, proporcionará aos visitantes oportunidade de estudar os problemas de geografia física e humana do planalto meridional do Brasil, entre os quais se destaca a colonização européia não-portuguêsa.

Êsse planalto termina a leste por um escarpamento, que ora se aproxima do mar, como no estado do Paraná e norte do estado do Rio Grande do Sul, ora se afasta, como no estado de Santa Catarina. A estrutura regional é de um grande sinclinal com camadas sedimentares e efusivas repousando sôbre o embasamento antigo, em cujas rochas se talha extenso trecho da borda oriental do planalto. A excursão percorrerá o flanco oriental dêsse sinclinal, onde o relêvo se caracteriza por uma sucessão de *cuestas* voltadas para leste, dando acesso a outras tantas subdivisões da grande unidade morfológica.

Sob clima predominantemente subtropical, se dispõe, em grandes unidades bem definidas, a vegetação variada, que vai desde as matas latifoliadas e de coníferas até os campos.

Nesse quadro, predomina o povoamento oriundo da colonização européia, criadora de uma paisagem de pequenas propriedades a qual poderá ser confrontada com os padrões completamente diferentes, que a penetração da marcha do café estabeleceu no norte do estado do Paraná.

Do Rio de Janeiro, os participantes serão conduzidos, por via aérea, até a cidade


MINAS GERAIS
MATO GROSSO
SÃO PAULO
PARANÁ
SANTA CATARINA
RIO GRANDE DO SUL
RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO
Londrina
Apucarana
Tibaji
Castro
Ponta Grossa
CURITIBA
Paranaguá
Caiubá
Joinville
Blumenau
Gaspar
Brusque
Rio do Sul
FLORIANÓPOLIS
Lajes
Vacaria
Caxias do Sul
S. Leopoldo
PÔRTO ALEGRE
Cachoeira do Sul
Caçapava do Sul
Lavras do Sul
Bagé
Rio Grande
Rio Tietê
Rio Paraná
Rio Paranapanema
Rio Ivaí
Rio Iguaçu
Rio Uruguai
Rio Pelotas
Rio Jacuí
Lagoa dos Patos
Lagoa Mirim
OCEANO ATLÂNTICO
EXCURSÃO 9
CONVENÇÕES
Rio de Janeiro
Capital
Cidade
Itinerário
por ferrovia
em rodovia
por via aérea
25Km 0 50 100 150 200 250 Km
30Mi 0 30 60 90 120 150 Mi
54°
50°
46°
42°
20°
24°
28°
32°

de Londrina, no norte do estado do Paraná, onde terá início a excursão por terra

No trecho compreendido entre Londrina e Apucarana se oferecerá à observação uma grande região cafeeira em plena produção, situada em zona de "terras-roxas"

Daí para Tibaji, após a descida do escarpamento de grande *cuesta,* modelada em rochas triássicas com predomínio de derrames basálticos, serão examinadas as exposições dos sedimentos gonduânicos do permocarbonífero e devoniano, com camadas de origem glacial

A passagem pelos municípios de Castro e Ponta Grossa poderá servir ao estudo dos problemas do aproveitamento agrícola dos campos naturais, através dos empreendimentos aí realizados, notadamente a colonização por holandeses e alemães do Volga Nas proximidades de Ponta Grossa, poderão ser examinados pequenos relevos residuais de grande interêse, bem como as questões relativas a sua geomorfogênese

A passagem do planalto de Ponta Grossa para o de Curitiba far-se-á com a descida da grande *cuesta* de arenitos devonianos, os quais assentam sôbre extensa superfície de erosão, sendo de fácil identificação o contacto respectivo A descida atravessará um bem marcado escarpamento de cêrca de 200 metros de desnível, de cujo tôpo se terá ampla visão da superfície de erosão que constitui o planalto modelado sôbre o embasamento, na região de Curitiba A ocupação humana do rebôrdo da *cuesta* poderá ser focalizada e, já na região ondulada que se lhe defronta, nas vizinhanças da capital do estado do Paraná, colônias italianas serão visitadas, para que se lhes conheçam a organização, suas relações com o mercado próximo, bem como os sistemas agrícolas que empregam e, finalmente, sua distribuição relativamente às áreas florestais e campestres vizinhas

Um dos aspectos mais interessantes dessa excursão será a descida do planalto para o nível do mar, que se fará entre Curitiba e Cuiabá Os excursionistas descerão pela frente abrupta e florestal da serra do Mar, num percurso que corresponde a um desnível de 850-900 metros, e que poderá ser feito em rodovia ou, por ferrovia, audaciosamente lançada em simples aderência — uma das mais significativas obras da engenharia ferroviária brasileira A pouca ou inexistente ocupação humana no trecho em questão testemunha o obstáculo que a serra aí constituiu à humanização da paisagem física.

Durante dois dias se poderá estudar a baixada litorânea com apoio em Caiubá, cidade balneária, em que se alojarão os congressistas Problemas de morfologia litorânea serão estudados, sobretudo pelo exame de falésias, dispostas acima do nível do mar

De volta a Curitiba, se prosseguirá para o sul, rumo ao estado de Santa Catarina Inicialmente, se entrará em contacto com os resultados da colonização alemã aí começada em meados do século XIX Êsse processo que ocupou inicialmente os baixos cursos dos rios da vertente atlântica e se expandiu para montante, poderá ser examinado em várias fases de sua evolução, desde as formas da atividade rural, agrícola, até sua organização urbana e industrial Grandes centros, como Joinville; cidades que se conservaram com grande pureza de aspectos germânicos, como Blumenau; e muitos outros núcleos serão visitados para completar a imagem do que foi a participação do colono europeu na vida da região

Ao longo da faixa litorânea, incluindo a ilha de Santa Catarina, em que se localiza Florianópolis, capital do Estado, outro aspecto dos resultados da colonização poderá ser observado Aí, se encontra numa densa população rural, também constituída de pequenos proprietários, descendentes de imigrantes açorianos, chegados em meados do século XVIII, os quais se dedicam à pesca e à agricultura

De Florianópolis para Lajes, subir-se-á a escarpa do planalto, passando-se novamente do embasamento cristalino para a área de sedimentos paleozóicos O acesso a Lajes é feito por uma velha estrada aberta quase tôda na mata e que se destinava a ligar a faixa litorânea, ocupada por lavradores ilhéus, a uma área de povoamento mais antigo, de criadores de gado, que ocuparam os campos de Lajes. Os campos do planalto contrastam fortemente com a floresta da encosta, sendo nítidos os limites entre as duas formações

A êsses tipos de vegetação e relêvo, correspondem padrões diferentes de ocupação humana Na encosta, de relêvo acidentado, recoberta de densa mata subtropical, de fôlhas perenes, predomina a atividade agrícola de colonos de origem alemã e italiana, em sua maioria. Trabalham por processos primitivos e vivem em baixo padrão social e econômico No planalto de Lajes, os campos naturais se destinaram desde o início de seu povoamento à criação de gado e onde existem florestas caracterizadas pela presença de *Araucaria,* a extração de madeiras constitui

importante atividade econômica A uma ocupação assentada em regime de pequenas propriedades na encosta, se opõe o sistema latifundiário do planalto, como poderão comprovar os excursionistas pela simples observação da paisagem no percurso previsto.

O trajeto entre Lajes e Caxias do Sul, no estado do Rio Grande do Sul, se fará quase sempre sôbre os derrames basálticos do planalto, numa altitude média de 800 metros, rebaixada aqui e ali pelo profundo entalhe da rêde hidrográfica principal, em que se notabiliza o alto rio Pelotas por seu extraordinário encaixamento.

Da zona de Caxias para o sul, se voltará a estudar o processo de colonização européia, em pequenas propriedades agrícolas, aqui iniciada na segunda metade do século XIX Os variados estágios culturais a que chegaram os colonos poderão ser surpreendidos, bem como examinada a especialização a que se dedicaram, com a adaptação de culturas européias

A descida do planalto levará os congressistas a visitarem as áreas de colonização alemã, destacando-se São Leopoldo, a mais antiga colônia, fundada no fim do primeiro quartel do século XIX.

Em seguida, a excursão alcançará Pôrto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul Seu sítio, suas funções como pôrto e mercado regional, bem como sua expansão moderna e industrial, poderão ser objeto de interessantes observações.

Daí, seguir-se-á para Cachoeira do Sul, visitando uma área de paisagem diferente, no quadro físico da chamada "depressão central" do Rio Grande do Sul, de direção aproximada leste-oeste, modelada pelo trabalho dos rios Jacuí e Ibicuí. Essa faixa, além da sua original utilização agrícola (em que predominam as grandes lavouras de arroz), separa dois ambientes distintos: a "colônia" e a "campanha" gaúchas

Assim, de Cachoeira do Sul, atravessando-se parte do maciço antigo ou escudo riograndense, em altitude em tôrno de 300 metros, se alcançará a cidade de Bajé, centro de criação bovina e ovina dos mais típicos da campanha. O modelado do relêvo dará oportunidade a debates sôbre problemas morfológicos; as extensas planuras campestres da região de Bajé levantarão questões relativas à origem e evolução dos campos da fronteira, que recobrem as mais variadas formações geológicas e tipos de solo

A estrutura da grande propriedade pastoril — a estância gaúcha — poderá ser examinada, bem como as reações provocadas na região pelas tentativas da colonização em regime de pequena propriedade Notar-se-ão os esforços para o apuro de raças bovinas e ovinas e as influências dos grandes mercados nacionais e exteriores sôbre essas atividades.

O regresso ao Rio de Janeiro far-se-á de Bajé, por via aérea, com escala na cidade de São Paulo.

ADESÃO E PARTICIPAÇÃO

A inscrição como membro do Congresso se faz mediante o preenchimento da ficha de adesão; será confirmada no ato de pagamento da quota respectiva A forma de pagamento da quota de adesão será divulgada em circular ulterior Os membros inscritos terão direito de tomar parte em tôdas as reuniões e atividades programadas, à exceção das excursões, cuja taxa de participação é paga separadamente Terão direito ainda, a receber os *Guias* das Excursões, os *Resumos das Comunicações,* os *Anais* do Congresso e outras publicações, que dêle venham eventualmente a resultar

Os membros do Congresso que se fizerem acompanhar de pessoas de sua família, poderão inscrevê-las como membros associados, mediante o pagamento de uma taxa menor. Os membros associados terão direito de participar das mesmas atividades que os membros, não fazendo jus, porém, às publicações do Congresso

Também aos universitários, estudantes de Geografia, será facultada a inscrição como membros associados

Estabelecimentos de ensino, academias de ciências ou de letras, sociedades de Geografia, bibliotecas, emprêsas comerciais, repartições públicas e organizações análogas, poderão inscrever-se como membros coletivos, mediante o pagamento da quota normal.

Todos os membros devidamente inscritos que não participarem do Congresso receberão, pelo correio, uma coleção completa das publicações oficiais do certame

OPORTUNIDADE DE AUXÍLIO FINANCEIRO

Com o objetivo de estudar tôdas as possibilidades de assistência financeira a geógrafos visitantes, a Comissão Organizadora estabeleceu duas Subcomissões especiais: a de Bôlsas e a de Colocação de Participantes Estrangeiros A Subcomissão de Bôlsas envida

atualmente esforços, no sentido de obter recursos, destinados especìficamente à criação de algumas bôlsas de manutenção e de auxílio para a viagem.

Cogita-se também de estabelecer algumas bôlsas de estudantes, destinadas a alunos de Geografia das Faculdades de Filosofia dos estados, bôlsas estas que acarretam a prestação de serviços durante o Congresso.

Visando, ainda, a promover facilidades para o comparecimento de geógrafos de outros países, a Subcomissão de Colocação de Participantes Estrangeiros promoverá o entendimento com os centros universitários brasileiros e com repartições especializadas, dos geógrafos que se interessarem pela possibilidade de prestar colaboração na qualidade de professôres contratados ou de consultores-técnicos.

Os interessados, quer na obtenção de bôlsas, quer de contratos de curta duração, deverão enviar, *em triplicata*, à Secretaria Executiva, as seguintes informações:

1 — Nome; 2 — ano de nascimento; 3 — nacionalidade; 4 — enderêço; 5 — estudos profissionais; 6 — número de anos dedicados a trabalhos geográficos; 7 — cargo atual; 8 — principais publicações; 9 — especialização (ões) geográfica (s); 10 — forma de auxílio desejado e montante do mesmo; 11 — referências em seu próprio país e, se possível, no Brasil.

Aquêles que se interessarem por contratos devem indicar, também, o tempo que poderão permanecer no Brasil. Os que pleitearem colocação como professôres devem, ademais, indicar sua habilidade para lecionar nas seguintes línguas: português, espanhol, francês e italiano (indicar para cada caso: excelente, boa, regular ou nenhuma).

Os estudantes de Geografia das Faculdades dos estados devem indicar, além dos itens acima que forem cabíveis, o nível de seus estudos, as línguas estrangeiras que dominam na conversação (se em grau excelente, bom ou regular), suas habilidades em mecanografia, estenografia, etc.

ALOJAMENTO

Será publicada oportunamente uma lista de hotéis de diferentes categorias com os respectivos preços, fazendo-se a reserva prévia de certo número de aposentos para os congressistas.

EXPOSIÇÃO GEOGRÁFICA E CARTOGRÁFICA

Convidam-se as Comissões Nacionais de cada país e demais interessados a preparar exposições geográficas e cartográficas para a ocasião do Congresso.

A Comissão Organizadora reservará o necessário espaço em local adequado, nada cobrando pela área atribuída às delegações estrangeiras, sociedades de Geografia, instituições educacionais e organizações congêneres. Para os exibidores comerciais (editôres, fabricantes de instrumentos, etc.), porém, será fixada uma contribuição, segundo tabela prèviamente elaborada.

Os interessados devem dirigir-se, quanto antes à Secretaria Executiva do Congresso, indicando o espaço que pretendem utilizar.

CORRESPONDÊNCIA

Tôdas as comunicações concernentes à organização do Congresso e das excursões devem ser enviadas ao Secretário Executivo da Comissão Organizadora do XVIII Congresso Internacional de Geografia, Prof. HILGARD O'REILLY STERNBERG, Centro de Pesquisas de Geografia do Brasil, Faculdade Nacional de Filosofia, Av. Presidente Antônio Carlos 40, Rio de Janeiro — Brasil.

PROGRAMA PRELIMINAR

Quinta-feira, 9 de agôsto

8 h. Apresentação de credenciais e inscrição de congressistas
14 h. Sessão inaugural
18 h. Recepção oficial

Sexta-feira, 10 de agôsto

9 h. Inauguração da Exposição Geográfica e Cartográfica
10 h. Reunião das Secções
14 h. Visitas oficiais
21 h. Conferência sôbre o Brasil

Sábado, 11 de agôsto

9 h. Reunião das Secções
Tarde — Livre
18 h. Festa folclórica

Domingo, 12 de agôsto

Excursões aos arredores do Rio de Janeiro.

Segunda-feira, 13 de agôsto

9 h. Reunião das Secções
14 h. Reunião das Secções
21 h. Conferência sôbre o Brasil

Têrça-feira, 14 de agôsto

9 h. Simpósio
14 h. Reunião das Secções
Noite — Livre

Quarta-feira, 15 de agôsto

9 h. Reunião das Secções
14 h. Reunião das Secções
21 h. Conferência sôbre o Brasil

Quinta-feira, 16 de agôsto
9. Reunião das Secções

Tarde — Livre
18 h. Programa social

Sexta-feira, 17 de agôsto

9 h. Reunião das Secções
Tarde — Livre
21 h. Simpósio

Sábado, 18 de agôsto

9 h. Reunião das Secções
14 h. Reunião das Secções
Noite — Sessão de encerramento.

COMISSÃO ORGANIZADORA DO XVIII CONGRESSO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA

Presidente
ELMANO GOMES CARDIM

Vice-Presidente
FÁBIO DE MACEDO SOARES GUIMARÃES

Secretário Executivo
HILGARD O'REILLY STERNBERG

Primeiro Secretário
JOÃO FRANK DA COSTA

Segundo Secretário
ORLANDO VALVERDE

Primeiro Tesoureiro
VIRGILIO CORRÊA FILHO

Segundo Tesoureiro
ALBERTO ILDEFONSO ERICHSEN

Membros Honorários

AGNELLO BITTENCOURT
ALVARO ALBERTO DA MOTTA E SILVA
ANTÔNIO ALVES CÂMARA JÚNIOR
ARTHUR MOSES
CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON
FRANCISCO JAGUARIBE GOMES DE MATOS
GERALDO JOSÉ PAUWELS
JORGE DODSWORTH MARTINS
JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES
JOSÉ DE LIMA FIGUEIREDO

Comitê de Coordenação Financeira

Pres.: FLORÊNCIO DE ABREU
Secr.: PAULO FREIRE

Secretaria Executiva

Chefe: MARIA DO CARMO CORRÊA GALVÃO

Subcomissões

Subcomissão de Bôlsas
Pres.: JOÃO DIAS DA SILVEIRA
Secr.: NICE LECOCQ MÜLLER

Subcomissão de Colocação de Participantes Estrangeiros
Pres.: AROLDO DE AZEVEDO
Secr.: JOAQUIM ALFREDO FONSECA

Subcomissão de Excursões
Pres.: MIGUEL ALVES DE LIMA
Secr.: ELZA COELHO DE SOUZA KELLER

Subcomissão de Publicações
Pres.: DEOCLÉCIO DE PARANHOS ANTUNES
Secr.: ANTÔNIO LIBERALINO DE MORAIS

Subcomissão de Publicidade
Pres.: FERNANDO TUDE DE SOUZA

Subcomissão de Exposições
Co-Pres.: ARMANDO SÓCRATES SCHNOOR
JORGE ZARUR

Subcomissão de Finanças
Pres.: EDGAR TEIXEIRA LEITE
Secr.: PAULO FREIRE

Subcomissão de Programação e Temário
Pres.: FÁBIO DE M. SOARES GUIMARÃES
Secr.: LYSIA M. CAVALCANTI BERNARDES

Subcomissão de Recepção
Pres.: NILO BERNARDES

Subcomissão Social
Pres.: VERA DELGADO DE CARVALHO

Membros

ADIR GUIMARÃES
AFRÂNIO DE CARVALHO
ALBERTO ILDEFONSO ERICHSEN
ALBERTO RIBEIRO LAMEGO
ALCEO MAGNANINI
ALCYON DA FONSECA DORIA
ALFREDO JOSÉ PÔRTO DOMINGUES
ALLYRIO HUGUENEY DE MATTOS
ALTAMIRO DE MOURA

Américo Barbosa de Oliveira
Antônio Azevedo de Castro Lima
Antônio Calado
Antonio José de Mattos Musso
Antônio Rocha Penteado
Antônio Rubo Müller
Antônio Teixeira Guerra
Armando Marques Madeira
Arthur Cezar Ferreira Reis
Ary França
Aziz Nacib Ab'Saber
Beneval de Oliveira
Cacilda Pereira Fernandes
Carlos Pedroza
Carlos M. Delgado de Carvalho
Cêurio Roberto de Holanda Oliveira
Christovam Leite de Castro
Dora de Amarante Romariz
Dirceu Lino de Mattos
Dinara de V. Azevedo Leite
Edgar Kuhlmann
Edgar Chagas Dória
Eloísa de Carvalho
Eugenio Vilhena de Moraes
Eurípedes Simões de Paula
Fernando Flávio Marques de Almeida
Fernando Segadas Viana
Flávio Vieira
Gilberto Osório de Andrade
Glycon de Paiva
Heldio Xavier Lenz Cesar
Hélio Ramos de Azevedo Leite
Herbert Moses
Hilton Sette
Isa Adonias
Jacyntho D. Moreira Lobato
Jaime Suzarte Cortesão
James Braga Vieira da Fonseca
Jesuino de Freitas Ramos
João Gonçalves de Souza
João José Bigarella
Jorge da Silva Leite
José Carlos Junqueira Schmidt
José Carneiro Felipe Filho
José Lacerda de Araújo Feio
José Lino de Mello Junior
José Loureiro Fernandes
José Oswaldo Fogaça
José Ribeiro de Araújo Filho
José Veríssimo da Costa Pereira
Josué Apolônio de Castro
Lafayette Pereira Guimarães
Laura de Moraes Sarmento
Lauro de Andrade Sampaio
Leandro Riedel Ratisbona
Lenine Póvoas
Lindalvo Bezerra dos Santos
Lucas Lopes
Luciano Jacques de Moraes
Lúcio de Castro Soares
Luiz de Souza
Manuel Correia de Oliveira Andrade
Manuel Diegues Júnior
Maria Conceição Vicente de Carvalho
Maria José Koenow Mesquita
Marina Ribeiro Corimbaba Guimarães
Marina Leite de Castro Soares
Mário Carneiro do Rêgo Melo
Mário Lacerda de Melo
Mário Lopes da Costa Moreira
Moacir Malheiros Fernandes Silva
Myriam Guiomar G. Coelho Mesquita
Ney Strauch
Nelson de Castro Senna Dias
Octavio Barbosa
Olga Leite Pinto Buarque de Lima
Oswaldo Benjamin de Azevedo
Pasquale Petrone
Pedro Pinchas Geiger
Percy Alfred Lau
Pericles Mello Carvalho
Raul Lima
Reinhard Maack
Renato B. Rodrigues Pereira
Renato Pacheco Americano
Renato Silveira Mendes
Ruth Mattos Almeida Simões
Sílvio A. Maurício de Abreu
Sylvio Fróes Abreu
Speridião Faissol
Tabajara Pedroso
Tadeu Gonçalves da Rocha
Thomaz Pompeu Accioly Borges
Valdemar Cavalcanti
Victor Antonio Peluso Jr.
Victor Zappi Capucci
Virgilio Corrêa Filho
Waldemar José de Carvalho
Waldemar Lefèvre
Walter Alberto Egler
Wilhelm Kegel

Assessôres

Antônio Martins Nascimento
Beatriz Celia Corrêa de Mello Petey
Berta Koiffman Becker
Blás Berlanga Martinez
Carlos Augusto Figueiredo Monteiro
Edna Lott de Moraes Costa
Floriano Brasil Cordeiro de Farias
Ignacio Nobutaka Takeda
Ingeborg M. F. Heer

Lília Camargo Veirano
Maria Anita Carvalho
Maria José da Cruz
Mauro Walter Guedes
Milton Almeida dos Santos
Ruth Lopes da Cruz Magnanini
Sônia Maria Santos Freire
Sérgio Ribeiro Mangia
Teresinha Segadas Viana Soares

Instituições

Academia Brasileira de Ciências
Associação dos Geógrafos Brasileiros
Banco do Brasil S. A.
Centro de Pesquisas de Geografia do Brasil
Clube de Engenharia
Companhia Vale do Rio Doce
Conselho Nacional de Geografia
Conselho Nacional de Pesquisas
Departamento Nacional de Estradas de Rodagem
Departamento Nacional de Obras Contra as Sêcas
Departamento Nacional da Produção Mineral
Diretoria de Hidrografia e Navegação
Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
Instituto Histórico e Geográfico de Campina Grande
Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais
Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense
Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá
Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano.
Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul
Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe
Ministério da Aeronáutica
Ministério da Agricultura
Ministério da Educação e Cultura
Ministério da Fazenda
Ministério da Guerra
Ministério da Justiça e Negócios Interiores
Ministério da Marinha
Ministério das Relações Exteriores
Ministério da Saúde
Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio
Ministério da Viação e Obras Públicas
Museu Nacional
Prefeitura do Distrito Federal
Serviço Geográfico do Exército
Sociedade Brasileira de Geografia
Touring Club do Brasil
Universidade do Brasil
Universidade da Bahia
Universidade de Minas Gerais
Universidade do Paraná
Universidade do Recife
Universidade do Rio Grande do Sul
Universidade de São Paulo
Universidade Católica de Pernambuco
Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Universidade Católica de São Paulo

OPINIÃO DO PROF. PIERRE MONBEIG, A RESPEITO DO XVIII CONGRESSO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA

O Prof. Pierre Monbeig, do Conservatório de Arts et Metiers de Paris e ex-presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros, de que foi um dos grandes animadores, acaba de regressar à França, após ter ministrado um curso como professor-visitante na Universidade de São Paulo. Grande conhecedor e amigo do Brasil, S. S. já noutra ocasião exercera tal cargo, durante uma dezena de anos. Ao deixar o país, manifestou o seu entusiasmo pelo XVIII Congresso Internacional de Geografia, que dentro em breve se reunirá no Brasil. Eis o que declarou à imprensa:

É, com efeito, no Rio de Janeiro que deve realizar-se, em agôsto de 1956, o XVIII Congresso Internacional de Geografia. O Brasil foi escolhido como sede por ocasião do último Congresso, realizado em Washington em 1952 e que reuniu grande número de geógrafos de todos os países. A meu ver, a escolha do Brasil representa claramente o fim dos mitos exóticos sôbre o país dos índios e das serpentes e mostra, ainda uma vez, a integração do Brasil no plano científico internacional. O progresso dos estudos geográficos brasileiros, os trabalhos das jovens equipes de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Curitiba, de Belo Horizonte, do Recife não são mais ignorados pelos geógrafos dos outros países. A decisão de reunir no Rio o XVIII Congresso Internacional é uma verdadeira consagração da escola geográfica brasileira.

Outros motivos terão concorrido para esta decisão. Particularmente, o desejo dos geógrafos de conhecer *in loco* os problemas da terra e dos homens do Brasil. E' preciso lembrar que cada Congresso Internacional de Geografia comporta excursões, que não são pequenos divertimentos turísticos, mas verdadeiros grupos de trabalho. Os especialistas do país onde se realiza o Congresso têm o penoso encargo de preparar os itinerários em função de problemas interessantes, sejam

problemas sugeridos pelo relêvo do solo, pelos tipos de vegetação ou pelas atividades humanas. Para cada excursão é elaborado um livro-guia, que descreve as grandes linhas das paisagens geográficas que o grupo irá observar e que indica prèviamente as questões mais importantes. A seguir, durante a excursão, que reúne uns trinta geógrafos, há a confrontação dos pontos de vista, as discussões sôbre o terreno e troca de idéias, que enriquecem a todos os participantes. Sei que meus colegas brasileiros se lançaram ao trabalho e já prepararam os projetos das excursões. Estas realizar-se-ão em diferentes regiões do país para satisfazer, tanto quanto possível, não sòmente à curiosidade dos visitantes, mas também às diferentes tendências que se observam no seio da família geográfica. Esta preparação não é fácil. Ela exige que cada diretor de excursão realize prèviamente êle próprio, e em companhia de colegas bem identificados com a região, as viagens previstas. E' preciso, além da preparação científica, organizar a parte material; transporte, pernoite, refeição — e tudo isso não é simples para um grupo de trinta pessoas em muitas de nossas regiões.

E' necessário que os visitantes não conheçam apenas as grandes metrópoles — e é isso que êles próprios esperam. A geografia não se faz em compartimentos estanques e é preciso dar aos estrangeiros a ocasião única de tomar contactos diretos com as zonas rurais, tanto do Nordeste, quanto do Brasil Central ou do Brasil Meridional. E' mister que êles possam, segundo seus desejos científicos, conhecer o Rio e São Paulo, bem como as regiões pioneiras e a vida do caboclo. Freqüentemente, os estudiosos que vêm ao Brasil participar de uma reunião internacional voltam a seus países conhecendo apenas o Rio, o Corcovado, Petrópolis, São Paulo, Guarujá e o Butantã. Queremos e devemos proceder melhor com os geógrafos, o que é muito importante, porque a grande maioria dentre êles são docentes de Faculdades, tendo o encargo de preparar jovens professôres secundários. Se êstes homens conhecerem um pouco o Brasil, falarão melhor sôbre êle nos seus cursos, uma vez de volta à pátria. E isto é contribuir para o desenvolvimento do país.

E' certo que ocorram muitos geógrafos especialistas dos países tropicais, africanos e asiáticos. Será de grande interêsse para êles "descobrir" o trópico brasileiro e poder confrontar *in loco* suas experiências. Será também uma excelente oportunidade para descobrir definitivamente as concepções errôneas, que muitos espíritos cultos, americanos do norte e europeus, ainda guardam dos países tropicais.

As excursões de trabalho constituem, a meu ver, a parte mais útil do Congresso. Mas haverá também sessões comuns, consagradas à discussão de relatórios elaborados pelos geógrafos designados pelas Comissões mantidas pela União Geográfica Internacional, bem como aos debates sôbre as comunicações apresentadas pelos congressistas. Preparou-se um temário para estas comunicações, a título de sugestão e com o fim de se evitar a excessiva dispersão. Procura-se fixar os debates do Congresso em tôrno de problemas geográficos que interessam às regiões tropicais e aos países de economia subdesenvolvida. A cartografia, as questões pedológicas também terão seu lugar. A contribuição brasileira será certamente muito importante e muito apreciada. Posso dizer que os geógrafos franceses esperam com impaciência e simpatia esta ocasião de melhor conhecer seus colegas brasileiros.

Mas o grande problema para os geógrafos da Europa é o de dispor dos recursos e do apoio indispensáveis para fazer esta viagem. E' a única razão que fêz com que alguns hesitassem em aprovar a escolha do Rio para sede do Congresso, tanto mais que fôra preciso fazer face às despesas decorrentes da viagem de Washington, por ocasião do Congresso de 1952: é de esperar que sejam encontradas soluções capazes de permitir a participação ativa dos geógrafos de além Atlântico. Vários organismos brasileiros trabalham atualmente na preparação do XVIII Congresso. Inicialmente, a Comissão Nacional do Brasil, filiada à União Geográfica Internacional. Outro é a Comissão Organizadora, a que cabe a responsabilidade direta pelo certame. Presidida pelo Dr. ELMANO CARDIM, e tendo como secretário executivo o Prof. HILGARD O'REILLY STERNBERG, é integrada por representantes de várias das mais prestigiosas instituições científicas brasileiras; de modo particular permito-me referir ao Conselho Nacional de Geografia. É uma garantia de triunfo ver os meus bons amigos brasileiros associados neste trabalho. De minha parte, confio que tanta boa vontade seja beneficiada por um apêlo efetivo e real da parte dos poderes públicos, porque o êxito do XVIII Congresso será uma vitória do Brasil.